O CORREIO

Director
Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.
Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO
1.º ANNO — N.º 12 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 22 de Fevereiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Series de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brasil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

Viva o dr. Affonso Costa!
Echos.
Um director da Bibliotheca — F. de Souza e Holstein.
Bruxas, videntes e chiromantes, fallae! — Joaquim Leitão.
José Novaes — V. T.
O Passado e o Presente — H. de Paiva Couceiro.
Folheim — *A Chica — Partida do Souza* — Anselmo.
Chronica militar — S. P.
Os bons tempos da tropa — Saturio Pires.
A queda do Imperio turco — A. d'Ornellas.
Carta de Lisboa.
Chronica dos Theatros.

Viva o dr. Affonso Costa!

Foi publicado ha dias um decreto encarregando as authoridades administrativas de fiscalisar os actos da magistratura judicial.

Essa numerosa classe recebeu sem pestanejar a formidavel bofetada que o governo lhe deu e tranquilamente acceitou que os seus actos fossem fiscalisados theoricamente pelas authoridades administrativas, mas de facto pelas juntas de parochia, compostas em geral de carbonarios, e que são quem verdadeiramente manda n'essas auctoridades administrativas que por sua indicação são nomeadas e por sua vontade são demittidas.

Soube-se, e sobre o assumpto cremos até terem sido feitas declarações por algumas testemunhas nos tribunaes marciaes, que quando da tentativa de revolta no Porto em Setembro de ha dois annos, corpos do exercito foram vigiados pelos carbonarios e um regimento houve em cujo quartel, com conhecimento e approvação do respectivo commandante e mais officiaes, grupos de carbonarios ficaram vigiando as praças e guardando o paiol.

Viu-se quando de varios julgamentos de conspiradores, os presos serem aggredidos e cuspinhados por carbonarios, sem que lh'o impedissem nem os officiaes que commandavam as forças que os escoltavam, nem os soldados que constituiam essas forças e sem que do resto da população das cidades em que taes revoltantes factos se deram se esboçasse um gesto sequer de protesto, já que seria demasiado reclamar d'essa população um movimento de protecção a essas creaturas que, em meio de uma força militar encarregada de as proteger, se encontravam sem defeza.

Viu-se na recepção do Chefe do Estado em 1 de Janeiro a officialidade do exercito e da marinha aguardar largo tempo que lhes passassem adeante as varias commissões de revolucionarios civis, constituindo a carbonaria, e supportando a pé firme os encontrões que a chusma d'essas commissões de pedreiros, marçanos, caldeireiros, barbeiros, etc., lhes dava ao passarem adeante para serem recebidos primeiro pelo Presidente da Republica.

Viu-se a Associação de Agricultura e a dos Proprietarios impossibilitadas de irem apresentar ao Parlamento uma representação de altissima importancia para essas classes, como se viu que os directores d'essas Associações fôram barbaramente aggredidos por carbonarios. E viu-se isto sem que os numerosos agricultores do paiz e sem que a numerosa classe dos proprietarios outra cousa fizessem que não fôsse... recolher a casa mais cedo, não se désse o caso de serem attingidas tambem as suas costellas.

Viu-se que jornaes vários fôram saqueados, assaltados pelos carbonarios, e viu-se que no mesmo dia a imprensa portugueza, dignissimamente symbolisada pelo *Mundo*, prototypo do jornal portuguez, applaudia a façanha, emquanto pela Avenida, gosando o bello sol d'uma linda manhã de janeiro, os monarchicos, de mistura com as republicanos, passeavam tranquilamente.

Finalmente, não fallando de muitos outros casos caracteristicos, — como os de attentados nas egrejas e de enxovalhos a imagens religiosas, — o governo fazer aos presos politicos da Penitenciaria o ultrage, o achincalhamento de comparecer no acto de se libertarem do capuz penitenciario fazendo-se representar precisamente por aquelles dos seus membros que mais cruelmente, que mais revoltantemente teem perseguido os seus adversarios lançados para as prisões por tribunaes militares, isto é, por tribunaes constituidos por membros da unica instituição do paiz que o carbonario entendeu susceptivel de bem se desempenhar, sob a sua vigilancia, da obra de vingança e de perseguição que ella queria.

E o que se viu no paiz quando se teve conhecimento do achincalhamento feito a essas desgraçadas victimas de amor á sua Patria, da lealdade aos seus ideaes e do respeito aos seus compromissos?

Viu-se muito simplesmente que os seis milhões de habitantes de Portugal, vencendo a tremura de pernas em que os teem constantemente os dois mil carbonarios, se lançavam nas folias do Carnaval, desde a *alta roda* em que as Chicas desvendam segredos que os parvos lhes confiam, até aos cavadores de enxada que estão tratando de se escapulir para o Brazil.

Viu-se tudo isto como resposta ao enxovalho feito aos presos politicos. Viu-se tudo isto da parte da aristocracia e da parte das classes populares, a primeira apezar de ter nas prisões parentes e amigos, as segundas apezar de haver por esse paiz muitas familias desgraçadas, cheias de fome e de miseria, porque para os carceres fôram lançados aquelles que com o seu trabalho lhes ganhavam o pão.

Ora vendo-se isto tudo, afligura-se-nos que é na realidade indesculpavel ir perturbar na alegria da sua ignominia e na tranquilidade da sua vergonha, um paiz que tão folianamente se diverte sob o olhar benevolente da carbonaria e o sorriso protector do snr. Affonso Costa, que, segundo parece, era afinal de contas o estadista que todos queriam.

Teem as nações os governos que merecem e tem Portugal o governo que deseja.

Pois então que haja alegria á beira-mar, que os presos se aguentem no fundo das prisões, que as suas familias estoirem de fome e que o paiz inteiro se afunde na lama.

Dois mil carbonarios teem em cheque cinco milhões de portuguezes. Uma infima minoria republicana domina uma enorme maioria monarchica, que dá á perna nos bailaricos!

Não a censuramos por isso e o que nos cumpre apenas é, como portuguezes, agradecer ao snr. Affonso Costa a sua generosidade, pois muito mais longe ainda poderia ir nas suas violencias, nos seus ultrages e nos seus achincalhamentos ao paiz a que pertencemos, porque este tudo lhe aguentaria. — Viva o dr. Affonso Costa!

ECHOS

Uma carta de Couceiro

De Paiva Couceiro, o honrado official cuja dedicação á causa monarchica e á Patria se tem demonstrado d'uma forma brilhante e positiva, recebemos a seguinte carta:

«Meu caro Alvaro Pinheiro Chagas. Teem alguns jornaes incluido, em varios dos seus artigos, certas allusões, pouco lisongeiras, ao que correntemente chamamos a «Galliza», quer dizer aos trabalhos de lucta contra a republica portugueza preparados e executados com base na Galliza.

Os trabalhos, evidentemente, envolvem os auctores.

Claro que as responsabilidades pertencem sempre aos chefes, e o humilde subscriptor d'esta carta por forma alguma engeita as suas, e antes, pelo contrario, as assume, totaes e completas, emquanto lhe caibam.

No entretanto, se estivesse só, teria o mais intimo prazer em deixar por agora fallar quem falla.

Mas o facto é que estou ligado aos meus companheiros, pois, na verdade nenhum individuo livre, maior, e com uso de razão, — embora não seja chefe principal, nem secundario, — póde acceitar com gosto o depreciamento da acção, em que, livre e voluntariamente, tomou parte. D'esta consideração derivam as presentes explicações, cujo fim unico é responder á estranheza que, entre os mesmos meus companheiros, possa acaso ter suscitado a circumstancia de a Galliza não se defender.

A Galliza significa um conjuncto de pessoas que activamente se sacrificaram por uma causa.

A Galliza cometteu erros?

Talvez.

Mas não cometer erros é attributo exclusivo d'aquelles que tomam a precaução previa de nada fazer.

E a discussão d'esses actos da Galliza, e erros inherentes, é que me parece inoportuna no actual momento, e não só inoportuna como prejudicial á causa, sem que, por outro lado se lhe descubra qualquer especie de vantagem.

Mais uma vez n'este caso, creio ser d'ouro o silencio.

«Trabalhar e calar» é norma de soldados que a Galliza, portanto, saberá ter em vista.

Sobre o altar das abnegações, onde, bem ou mal, alguma cousa pagou já, na moeda pura e limpa dos esforços palpaveis e sinceros, saberá a Galliza collocar tambem, sem murmurios nem queixas, as feridas d'amor proprio, que sabias auctoridades censurativas lhe veem causando, com altissimas perspicacias por ventura, mas pelo menos com duvidoso aproposito, e incompleta informação, e ainda com a total ausencia de generosidade, de quem ataca quando, do lado oposto, vê as mãos atadas, e a lingua preza, pela imprescindivel reserva que as circumstancias impoem.

Mas, — repito, — a Galliza que soube em silencio suportar fadigas e riscos, — em silencio suportará tambem, criticas, commentarios e observações.

E incoherentes seriamos se, combatendo aquelles que, pela indisciplina, pelo rancor mutuo, pelo espirito destructivo, conduzem o nosso desgraçado Paiz aos abysmos da perdição, — viessemos publicamente demonstrar geitos e qualidades d'essa mesma viciosa natureza.

Creia-me, meu caro Alvaro Pinheiro Chagas, o mesmo amigo, certo e grato, de sempre.

Henrique de Paiva Couceiro.»

Estamos perfeitamente de accordo com Paiva Couceiro.

O nucleo de monarchicos que se reuniram na Galliza para tentar derrubar o regimen republicano em Portugal prestou valiosissimos serviços, com um desinteresse, com um patriotismo e com uma dedicação que só podem ser devidamente avaliadas quando a *verdadeira* historia, conhecida apenas de duas ou tres pessoas, se fizer do que foi, porque foi e como foi todo o energico e perseverante trabalho de Couceiro, e dos seus homens, na Galliza.

Varias vezes se teem feito referencias a esse periodo dos trabalhos de tentativa de restauração em Portugal, mas em todas essas referencias ha inxactidões de factos, desconhecimento das verdadeiras causas de casos varios, ignorancia de pormenores importantes, o que tem dado em resultado inisear-se, queremos crer que involuntariamente, o que foi a attitude de Couceiro, e que foram os seus esforços, quaes eram os seus intuitos e quaes foram as *verdadeiras* causas do seu insuccesso.

Tudo isso será reposto devidamente no seu logar e tudo será exacto, minuciosamente e documentadamente narrado por quem pormenorisadamente conhece todos os trabalhos monarchicos desde a tarde de 5 de outubro de 1910, que foi quando elles começaram e por signal que por uma enorme desillusão acerca de politicos que ninguem supporia que outra ideia pudessem ter que não fosse a de se dedicarem de alma e coração a reparar culpas que tinham dado em resultado o triumpho republicano.

De tudo isso, como de tudo que se passou depois, ha documentos que zelosamente se guardam e que comprovarão em todos os pontos a narração exacta e minuciosa que de tudo se ha-de fazer.

Quando se fará essa narração? Quando se rectificarão todas as inexactidões e injustiças? Quando será dado ao paiz conhecer em todas as suas minucias a historia das tentativas monarchicas e as causas do seu insuccesso até agora?

Só quando quem a pode fazer com inteira exactidão, com larguissimos pormenores e desenvolvida documentação, se convencer de que em Portugal se não restaura a Monarchia ou quando a vir restaurada.

Até lá entendemos que uma unica cousa ha a fazer: é cuidar de auxiliar todos aquelles que procuram derrubar o regimen de tyrania que se estabeleceu em Portugal, deixando divergencias, criticas e censuras para quando ou de todo se tenha perdido a esperança do triumpho ou se tenha conseguido triumphar.

E essa é a nossa attitude, que n'este jornal só das tentivas monarchicas fallaremos para prestar a nossa homenagem aos que morreram honradamente no seu posto, para narrar o que de bello tenha havido na lucta travada entre os que por duas vezes entraram em Portugal a tentar libertar o paiz e os que defendiam a Republica e para accentuar a nossa admiração e o nosso enternecimento pelos que nas prisões soffrem as torturas e os enxovalhos a que os sujeita uma republica de sapateiros Simões.

Cuidado

A *Lucta*, contando que o throno da Turquia vale oitocentas mil libras, faz a estranha declaração de que *francamente, com um throno assim condescenderia (a Lucta) em ser rei por algum tempo — o necessario para o re-*

duzir a dinheiro e acrescenta que *a seguir ablicaria*.

Como estamos n'um regimem republicano e se pode portanto dar o caso do jornalista que tal escreveu vir a ser chefe de Estado, convem archivar a estranha declaração para a hypothese de o vermos elevado á primeira magistratura da nação, pois será bom então recommendar cuidado com os moveis do palacio de Belem.

A verdade porem é que não admira pois que a *Lucta* consentindo em ser Rei para reduzir o throno a dinheiro, esteja sempre a accusar de ladrões os reis.

E' que não pode acreditar que elles não façam... o que ella diz que faria.

✦✦

Cousas antigas

As *Novidades* deram agora publicidade a uma carta que em Fevereiro de 1891 dirigiu ao *Correio da Noite* o sr. Alexandre José Sarsfield, então capitão de infanteria 18, ha poucos mezes commandante do regimento de infanteria que foi a Cabeceiras de Basto dar caça aos conspiradores monarchicos e actualmente presidente do tribunal marcial de Lisboa.

N'essa carta em que o sr. Sarsfield rectifica umas affirmações do orgão progressista acerca da attitude do regimento de infanteria 18 por occasião da revolta republicana de 31 de Janeiro, classifica o actual presidente do tribunal marcial de Lisboa essa revolta como *uma traição de criminosos loucos de infame trama, de nefando e hediondo crime de traição*, e referindo-se á suspeita de que o seu regimento estivesse feito com os revolucionarios perguntava *com que direito pode alguem tentar manchar a honra da nossa bandeira, bandeira que levamos desfraldada para o combate, no proposito firme de voltar honrada para o quartel ou não voltar nenhum de nós?*

A carta que as *Novidades* publicaram é muito interessante. Como comprâmos o exemplar do numero em que o nosso illustre collega a publica não precisamos pedir licença para a archivarmos entre os apontamentos que temos sobre o que se tem passado em Portugal desde a revolta de 31 de Janeiro até agora, isto é, desde o acontecimento que tão violentamente foi verberado pelo sr. Sarsfield até aos acontecimentos recentes de que resultou a ida ao norte do regimento commandado pelo mesmo sr. Sarsfield, acontecimentos esses que deram causa aos julgamentos militares a que preside o mesmissimo sr. Sarsfield, e cuja origem remonta a revolução de 5 de Outubro, perante a qual não sabemos qual foi a attitude do mesmo sr. Sarsfield, mas que com certeza foi a que deve ter sempre um official em face de *traições de criminosos loucos, de infames tramas de nefandos e hediondos crimes de traição*, expressões estas que, aplicadas pelo sr. Sarsfield em 91 á revolta do Porto, logicamente elle terá applicado em 1910 á revolução de Lisboa, cuja unica differença consiste em terem tido os monarchicos menos medo em 91 de que tiveram em 910.

Alem, é claro, da differença de a de 910 ter triumphado e a de 91 ter sido vencida.

✦✦

Uma caricatura

Um semanario de caricaturas que se publica em Lisboa tinha ha dias uma pagina que se nos affigura uma critica admiravel á attitude dos srs. Antonio José d'Almeida, Brito Camacho e Machado dos Santos perante o desafio do sr. Affonso Costa aos seus adversarios.

Representa a gravura o chefe do governo, de pé, discursando no Parlamento, emquanto aquelles tres pobres diabos, escondidos debaixo das carteiras, exclamam: *Preferimos o jornal... Preferimos o jornal...*

Effectivamente nada ha mais ridiculo do que esses tres membros do Parlamento, no Parlamento desafiados pelo chefe do governo, desafiarem-n'o a elle... para a imprensa, onde do resto estão publicando artigos cheios de pavor, o primeiro de que lhe batam, o segundo de que o descomponham mais e o terceiro de que lhe tirem os tres contos.

Quem havia de dizer que daria n'aquella trenura a pimponice com que o sr. Antonio José d'Almeida correu a Portugal, arranccando-se á delicia das instructivas conversas com o suisso eminente no sanatorio elevado, que o sr Machado dos Santos desataria a engulir golpes do Estado, como se estivesse com soluços e os golpes de Estado fossem golos de agua!...

Quem diria!...

Cremos que o disse o sr. Theophilo Braga, que segundo parece, teve occasião de os estudar quando foi chefe do governo provisorio.

Pois se o disse... é parece-nos, a primeira vez que os estudos do sr. Theophilo lhe servem para dizer uma causa certa.

✦✦

Convite

A *Republica*, orgão do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, convida os monarchicos a organisarem-se em partido para combaterem pelos seus ideais, pois elle lá está para lhes mostrar o seu erro, para lhes prever o seu desnorteamento.

Effectivamente, sr. conselheiro, nós já ouvimos fallar n'uma leriasinha d'um partido monarchico entendido com V.Ex.ª.

Verdade seja que tambem ouvimos fallar n'um outro partido monarchico entendido com o sr. Affonso Costa.

Pois então quando ouvirmos fallar n'um partido monarchico, sem ser entendido nem com o sr. conselheiro, nem com o sr. Costa, dirêmos de nossa justiça,

Por agora a cousa cheira-nos a habilidade de quem não se atreve a passar claramente para a Republica... não seja o demonio que a Monarchia se restaure quando menos se esperar.

✦✦

Padres

Um jornal democratico intitula uma sua local da seguinte maneira: *Um padre reaccionario e patife como todos os padres.*

Então... nada de exaggerar...

Nem todos os padres são todas essas cousas feias que o jornal democratico diz.

Ha por exemplo aquelles padres que aproveitaram a lei da separação para casar e os que adderirem á Republica ..

Que diacho!... esses não são tão patifes e reaccionarios como o jornal democratico affirma.

Até pelo contrario são muito boas pessoas, muito serias, muito dignas, muito respeitaveis...

Muito... mas mesmo muito...

✦✦

Mario Pinheiro Chagas

Partiu de Paris para Edimburgo em importante serviço judicial o nosso querido amigo, o sr. dr. Mario Pinheiro Chagas.

✦✦

Angola á vela

O *Excelsior*, jornal parisiense, hoje em poder de manobras influentes da maçonaria e folha agora muito affecta á Republica Portugueza, diz saber de ponto bem informado que a Allemanha e a Inglaterra estão prestes a concluir uns dois accordos, um relativo ás construções navaes dos dois paizes (o accordo naval a que nos referimos no numero anterior) e o outro respeitante á colonia portugueza de Angola.

Segundo essa informação do *Excelsior* o governo inglez declararia desistir dos seus interesses na colonia de Angola em proveito da Allemanha, autorisando esta *a adquirir* Angola sob reserva do consentimento do governo portuguez.

Pedimos aos illustres deputados da nação o favor de não perguntarem nada no Parlamento ao governo. Este responderia com uma nova reprodução das declarações feitas em tempo pelo sr. Augusto de Vasconcellos.

E como de cada vez que essas declarações são reproduzidas é uma risota geral nas chancellarias dos paizes a que se allude n'essas declarações, — e foi isso que succedeu agora em Paris quando o sr. João Chagas as fez publicar no *Echo*, — é melhor não fallar n'isso no Parlamento.

Fiquem sem Angola, mas não se prestem a mais risotas deprimentes.

✦✦

Com a devida venia transcrevemos do *Intransigente*, jornal dirigido pelo sr. Machado dos Santos, commissario da Armada com tres contos de reis por anno, a seguinte explicação das razões do addiamento de uma conferencia pelo sr. Nunes da Matta, almirante com cem mil reis por mez:

«S. ex.ª não fez a sua conferencia, porque «ela foi impedida pela autoridade, a reque«rimento do sr. Antonio dos Santos, empre«zario do Coliseu, que reclamou, em nome «do Walter, contra a concorrencia desleal «que se fazia a este artista — que já em tem«pos reclamou — e contra o estabelecimento, «que hontem teria ficado ás moscas, se a con«ferencia se tem realizado.»

Walter é um palhaço do Colyseu que muitas vezes faz rir o publico commandando um grotesco batalhão de garotos recrutados na geral do circo.

A comparação do *Intransigente* do sr. Nunes da Matta, almirante, com o sr. Walter, palhaço, parece-nos pois muito interessante.

Um director da Bibliotheca

Um senhor, de cujo nome me não quero lembrar e parece, hoje superintende qualquer cousa na Bibliotheca Publica, d'alli mandou retirar os retratos de Reis e frades, para que o povo livre soubesse que o thesouro da litteratura patria nada deve a frades nem Reis.

Profundissimos conhecimentos tem este dicto senhor, sobre a historia e a litteratura portuguezas! E' certo, amor e respeito pela Fé e pelo Principe, são sentimentos que se não encontram nunca nos escriptores grandes da nossa lingua.

Vamos correndo pela lembrança os que em Portugal souberam a arte de bem escrever.

Fernão Lopes, creador da prosa portugueza, pinta os motins durante a regencia da rainha Leonor Telles. São capitulos com tanta vida e côr como nenhum dos romances naturalistas d'hontem. E' uma patria que tomou consciencia de si propria, o fremito d'um povo que quer ser nação e não sabe que forma dar ao seu querer, e são os boatos desencontrados, as correrias pela cidade, o tumultuar das gentes. Nun'Alvares, Alvaro Paes, João das Regras, com a intelligencia clara do que era a vontade de todos, apresentam-lhes o mestre d'Aviz.

D'entre os principes pretendentes era elle o unico educado em Portugal e (razão principal da immensa popularidade que ganhou logo), não suspeito de shismatico como El-Rei de Castella e os filhos de D. Iguez de Castro. E como o mestre reunia em si todas as qualidades que haviam de ser as notaveis da nação, foi o rei completo, o gerador da dynastia que tão bem soube conduzir a patria e cumprir os seus destinos que, durante ella, dizer servir El-Rei ou servir Portugal era tudo um, em bocca de portuguezes. — Não ha hymno mais triumphal, cantando a ideia do *Rei*, que estas paginas da Chronica.

Gil Vicente representou o Auto da Barca do Inferno em 1475.

Na camara da rainha D. Maria, deitada no leito de que não mais se levantou, estão armados os dous bateis. O auto vae no fim. De todas as figuras, só uma, a do coitado do Parvo, escapou das garras do Diabo. No batel do inferno apinham-se o fidalgo taful, o frade namorado, o onzeneiro, o corregedor, Brigida Vaz e quantos appareceram. O calor augmenta na salla cheia de gente, e cresce o cheiro dos cirios e o perfume d'alfazema, queimada nos defumadores. El-Rei e a côrte riram muito e alguns de certo se morderam por dentro com as baldas certeiras que o poeta lhes jogou. Apparecem as tres ultimas figuras, tres cavalleiros trazendo no peito a cruz de Christo. Quer o Diabo leval-os a recado e os cavalleiros não dizem mais senão: Pelájamos e morremos nas partes d'Alem. — O Diabo encolhe-se e o Anjo da Gloria os leva no seu batel. Quantos assistiram a este final com certeza temeram o baque que se sente deante dos rasgos de genio. — Não se póde dizer melhor: pelejar pelo alargamento da fé de Christo é trabalhar por cumprir o destino da patria e mais não ha que pedir.

Camões compoz as ultimas oitavas do seu poema, cançado de tanto desengano e infortunio de que lhe foi cheia a vida. «Não mais, lyra... não mais.» Mas no dia em que El-Rei fôr combater em Africa, ei-lo prompto, «Braço ás armas feito... Mente ás Musas dada» a pelejar de novo e a cantar n'um poema maior ainda a gloria de quem fôr sagrar a Jesus, as mesquitas dos alarves.

No seculo de seiscentos os que levaram a prosa portugueza á perfeição foram tres religiosos.

Fr. Luiz de Souza, no socego das sombras de Bemfica, vae limando a linguagem, até ahi aspera de João de Barros e dos outros quinhentistas, e dá-lhe aquella meiga nobreza que «fazendo musica nos ouvidos, cria fogo de saudades do ceu».

O P. Antonio Vieira, com já oitenta annos, empregados em tanta peregrinação pelo mundo, tanta lucta diplomatica, tanto serviço á causa do seu rei, nos momentos mais difficeis, toma como descanço na velhice, o rever e recompor os vinte volumes dos seus sermões. E consegue aquella maneira de dizer que percorre todos os tons, do mais solemne ao mais familiar, e que pela propriedade exactissima dos termos, pelo conciso e bem ordenado do periodo, sabe explicar as mais difficeis ideias e deslindar o mais complicado do moral dos homens com uma clareza e profundidade que não póde ir mais alem.

O P. Manoel Bernardes, ao contrario do P. Vieira, levou uma vida sempre recatada. Sentava-se á banca, na cella do convento, olhava a nesga do ceu que a fresta lhe recortava defronte, e deixava correr a penna, devaneiando ao acaso, por quanto lhe passava pela cabeça. Mas como escrevia da abundancia do coração espraia-se-lhe a bondade por todas as historias que conta, e sem esforço, só com uma ou outra indicação dada ao de leve, pinta um alpendre d'egreja á hora do meio-dia, um jardim de buxos e cravos, uma alvorada junto d'um riacho e tanta outra imagem que ficam na memoria como se tivessem sido vistas na realidade.

Garrett tocou talvez o limite do seu genio quando escreveu o 3.º acto do Fr. Luiz de Souza. O scenario que lhe deu é um achado do mais fundo talento. — A casa d'arrecadação junto á sachristia, uma salla cheia d'escaninhos, muito comprida, escura e desordenada. — El-Rei de Portugal morreu e não deixou quem lhe succeda, e tudo cahiu em confusão e desordem. A familia antes tão unida, lá se vae dispersa e a patria inteira emmudece n'um luto soturno. — Que sentir tão portuguez era este de Garrett! Rei e Patria tinham que morrer juntos.

Eça de Queiroz caricaturisou com a graça que todos sabem a Lisboa extrangeirisada, que em tudo queria imitar as modas *lá de fóra*. Mas quando pintou o Portugal verdadeiro na *Cidade e as Serras*, mudou muito d'estylo, foi procurar uma phrase que tem quasi o mesmo rythmo da da *Vida do Arcebispo*, e ao descrever o campo portuguez, não esquece nunca de pôr como ultimo symbolo, no cimo d'um monte, uma ermidinha muito caiada, com a sua cruz ao alto.

D. João da Camara tambem foi dos que conheceu bem os trabalhadores do campo. E que arte teve, ao fazel-os fallar! Soube tão bem achar o equilibrio entre o natural e o litterario, que as cousas tão cheias de poesia que os seus personagens dizem, não escandalisam ainda que em bocca de gente rude. Quando o engenheiro bate á porta no casal dos *Velhos*, andam alli na labuta do amassar do pão. E' o acto grave, em casa de familia, que sabe quanta canceira, soes e chuvas, custa o pão que dá vida, desde o semear do trigo até poder ir coser no forno. E n'aquella casita, muito caiada e limpa, onde estão reunidas as velhinhas que representam o mais fundo e tradicional sentir da alma portugueza, o gesto que vem dar remate ao quadro, para abençoar os trabalhos do passado e pedir protecção para os de futuro é o signal da cruz, feito sobre a levedura.

D'entre as melhores paginas de Ramalho Ortigão, estão as do elogio d'um Rei que o soube ser.

E podiam-se correr todos os mais escriptores que em Portugal merecem o nome de grandes, sempre que quizeram dizer o intimo da Patria, disseram: a unidade que só pode ser dada por uma Fé, um Principe.

O tal senhor que hoje superintende

na Bibliotheca e tem vastissimos conhecimentos sobre historia e litteratura, é d'outro pensar, pois deixe-nos, aos Thalassas, Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões, Vieira, Bernardes, Garrett, Camillo, João da Camara, Ramalho Ortigão, Ayres d'Ornellas, Annibal Soares e tantos outros, e fique-se elle, como para modelo de boa litteratura com os livros do sr. Theophilo Braga, os discursos do sr. Nunes da Matta e os relatorios do sr. Affonso Costa.

F. de Souza e Holstein.

BRUXAS, VIDENTES E CHIROMANTES, FALLAE!

Entrevista com madame de Thebes

No momento em que a diplomacia confessa não saber o que será da Europa d'aqui a 48 horas, nós não podemos pedir prophecias a *sir* Edvard Grey. A diplomacia, em crise com a denuncia do armisticio turco-balkanico, não dá um pio.

Fallem, pois, as bruxas, as videntes e as chiromantes!

O mundo as escutará. Porque haverá quem não acredite na diplomacia, e tem razão; no bruxedo na videncia ou na chiromancia, duvido. Os que não deitam cartas, deitam o pé direito para a frente ao entrar a porta da pretenção ou o passeio do seu destino. Superstição, enguiço ou respeito pela cabalistica são apenas formulas differentes da mesma fragilidade. A *casquette* ou o chapéo-alto abrigam egualmente a cabeça; a preferencia é apenas uma questão de penteado.

A despeito do talento, apesar da cultura mental, por sobre todas as doutrinas emancipadoras, os homens—não falêmos das mulheres!—são escravos d'esse boi apis que se chama a superstição e que é, na idade adulta, o idoneo representante do papão, do «homem-do-sacco», que amedronta a Infancia.

Como perante a morte, ante a superstição não ha espiritos fortes.

Se o mais elegante orador, que o parlamento monarchico ouviu nos ultimos quinze annos e a bric á bracomania contou como um dos seus mais felizes colleccionadores, tem a superstição do azeite entornado, não é para admirar que o actor Brazão recue deante de dois phosphoros que, em degraus distantes d'uma escada, formem uma cruz.

O sal na meza, a terça-feira, o prêto em jejum, a meia do avêsso, muita gente boa o tem entornado com pavor, visto nascer com angustia, ennovoar a sua manhã, calçado como a authentica peúga da mesma fatalidade.

No espirito fraco do homem, o que varia é o grau de cultura. E segundo elles o homem leva a camisa á bruxa, pede o desengano do seu ciume, á mulher que deita cartas, ou a sua carta de prego á chiromante.

As superstições da casa da Prussia

Os proprios imperadores, com todo o seu poder, não vencem a superstição.

Na casa reinante da Prussia, esses Hohenzollerns, que parecem empunhar a espada de Siegfried, acreditam em bruxas.

Uma senhora portugueza, cujo marido, foi relaccionado na diplomacia, relata esta confidencia que um diplomata allemão fez a essa familia illustre:

—Ha na casa Hohenzollern uma lenda que diz que Guilherme I da Prussia consultou em 1829 a célebre vidente M.lle Lenormand, a quem perguntou:

—«Quando terei occasião de commandar, pela primeira vez, n'um campo de batalha?»

A vidente respondeu:

—Junte, em columna, á data do anno em que estamos, os algarismos que a compõem, e somme:

1829
1
8
2
9
———
1849

Effectivamente, em 1849, Guilherme I commandou a campanha que esmagou o levantamento do ducado de Bade.

Guilherme I continuou:

—«Quando será, depois d'essa acção d'armas, o acontecimento mais importante da minha vida?»

—Junte ao numero 1849, respondeu a chiromante, os algarismos que o compõem:

1849
1
8
4
9
———
1871

Toda a gente sabe que foi n'esse anno que o triumpho da guerra franco-prussiana coroou Guilherme I imperador da Allemanha.

—«Poderia dizer-me tambem a data da minha morte?» perguntou Guilherme.

—Já lhe dei a chave do seu destino, respondeu a vidente; aqui tem um lapis, faça a addição.

Guilherme escreveu, por sua mão as parcellas:

1871
1
8
7
1
———
1888

Ainda d'esta vez os numeros fatidicos fallaram verdade: Guilherme I morreu em março de 1888.

—«Queria finalmente, tornou o Rei da Prussia, deitar um lance d'olhos para além da minha vida, e conhecer a hora em que a Allemanha terá de defender, com todas as suas forças, o que nós lhe tivermos conquistado».

—Seja! disse M.lle Lenormand. Repita mais uma vez a addição.

E Guilherme I repetiu a operação fatidica:

1888
1
8
8
8
———
1913

Esta quádrupla prophecia, cujos tres primeiros termos se realisaram, é, segundo córre, o tormento do actual Imperador.

Tanto que o Kaiser não quer que no palacio se converse sobre prophecias.

Um dia, o Imperador entrou n'um salão, e a Imperatriz e as damas, que estavam conversando calaram-se.

—«Não estavam com certeza a fallar de modas, senão não se calavam quando eu entrei!...—notou Guilherme II.

A Imperatriz, que já sabe como o marido é, não teve remedio senão confessar que estavam a fallar de prophecias. O Imperador prohibiu que se fallasse em tal, e no palacio imperial não se tornou a abordar semelhante assumpto.

E gente que se refuta bem informada, accrescenta que o Imperador da Allemanha tem um verdadeiro terror d'este anno de 1913, que a vidente Lenormand marcou como um anno fatidico para o poder do Imperio, havendo até quem jogue com esse supersticioso mêdo de Guilherme II, para affirmar que não ha guerra.

Com effeito, a Allemanha d'Agadir e de Fashoda, ainda agora ao cumprimentar o snr. Poincaré, pela sua eleição á Presidencia da Republica, fez esta affirmação: *Se um dia qualquer zanga sobrevier entre os dois paises, França e Allemanha, não será por vontade da Allemanha.* Em todo este conflicto balkanico, agora mesmo depois do golpe-de-estado dos jovens-turcos, a Allemanha tem tido mais mêdo da guerra do que a propria Turquia, que, sejam quaes fôrem os seus peccados, tem ao menos no commandante d'Andrinopla um bravo e um patriota.

Imperios ou homens, potencias ou hercules, todos batem o queixo á superstição; e não ha mão que não trêma nas mãos d'uma vidente que prophetisa desgraças.

Mas, como, ao que parece, nem todos nasceram para ser desgraçados, e as videntes tambem prophetisam venturas, o mundo corre, de cada vez mais, para casa das chiromantes.

A prova é que os «pequenos annuncios» das quintas e segundas do *Matin*, que d'antes traziam tres ou quatro annuncios de videntes e chiromantes, hoje occupam uma columna inculcando as estrellas da especialidade. A tal ponto que o annuncio da *Vie devoilée* que até agora custava 1 fr. 75 a linha, a partir de 1 de fevereiro corrente, custa, no mesmo jornal, dois francos. Se a profissão faz concorrentes é porque tem clientela.

Duvido, porém, que alguma ou todas essas videntes que se annunciam bisemanalmente no *Matin* tenham a clientela da celebre Madame de Thébes, cuja celebridade universal dispensa o annuncio como a taboleta.

Madame de Thébes ultrapassou a esphera da celebridade, é mais—é a moda.

Ninguem passa hoje, por Paris, que não consulte Madame de Thébes.

O heroe como a mulher bonita, a banal millionaria americana como a timida recem-sahida das Ursulinas, o poeta, o doente, o pletórico, o amoroso ou o condecorado, o diplomata como o *courtier*, ninguem, absolutamente ninguem deixa de trazer no seu canhêmho de viagem o nome e o endereço de Madame de Thébes.

O Louvre, a Opera e Madame de Thébes são igualmente Paris.

E' uma tão forçada visita para o particular, como para as testas coroadas a visita ao presidente do Senado.

Em casa de Madame de Thébes

Nós estando a entrevistar *tout-Paris*, não podiamos esquecer a entrevista Madame de Thebes, já que a não podemos consultar como clientes, entre outras razões porque as consultas da famosa chiromante custam para os pobres: vinte francos; nos dias de moda, dois luizes.

Vamos agora entrevistal-a. Querem os senhores vir d'ahi? O dia está bonito. Não chega áquelles bellos dias do luminoso janeiro de Lisboa, em que uma pessoa tem a alegria de viver, mesmo sem ter cinco reis de seu; mas emfim, para uma cidade pobre de dias bonitos, este sabbado de hoje não se apresenta mal. E' pelo menos decente. E Madame de Thébes mora aqui a dois passos, na Avenue Wagram. Mas havemos de ir depressa, porque o *pneumatique* que me concede a entrevista recommenda que bata, ás duas horas e meia *tapantes*, á porta da decana. Que horas são?... Diabo! Duas horas e um quarto. Isto já não vae sem fiacre. Depressa, o primeiro *sapin* que passar. Cá está um: prompto!

O fiacre roda; o taximetro conta 1 franco e 25; estamos á porta de Madame de Thébes. E o andar? Pergunta-se á porteira.

—«Em que andar é madame de Thébes?»

—«Ao fundo da *cour*, entresolo direito».

Felizmente são duas horas e meia—*tapantes*. A creada deixa-nos na sala, emquanto vae levar o nosso cartão.

O *salon* de madame de Thébes é um quadrilatero de duas janellas por onde a luz entra agachada para não dar turras no tecto baixo do *entresolo*.

O pouco pé-direito, o accúmulo de decoração, de quadros, de moveis e de reposteiros dão ao ambiente uma luz de templo.

Ha esse cheiro a flores, encerradas n'uma capella.

Sobre a pedra do fogão, o busto de madame de Thébes; sobre um movel, o busto de Dumas, filho.

Por cima da mesa, dentro de vitrines, mãos modeladas em madeira e em gêsso.

Uma d'essas mãos tem uma inscripção; leiamos:—*As mãos de Alexandre Dumas, Filho.*

Ao canto da janella da direita, um nichosinho indio.

Algumas telas melancholicas pelas paredes, e, depois, pelos frisos dos moveis, sobre o fogão, sobre o piano, pendendo das paredes, photographias de homens e de mulheres, algumas bonitas.

Todas as photographias teem dedicatoria.

Uma é a de um official instructor de um dos exercitos dos alliados que, n'uma sala, não muito longe da casa de madame de Thébes, fez, não ha muito, uma conferencia sobre a guerra dos Balkans, cujo ponto final foi uma enthusiastica apotheose como a que o assombro mundial tem feito ao rei Fernando.

Outra é, é... a photographia da infanta Eulalia.

Ha retratos de gente celebre nas letras, na politica, na arte, até na arte de governar...

De toda essa galeria de clientes ou de amisades da decana das chiromantes, a que ostenta mais suggestiva dedicatoria é esta:... Mas descrevamos primeiro a photographia. E' o Kodak d'uma *villa*. No perron florido do pequenino palacio, situado talvez em Nice, talvez n'alguma risonha avenida da *country* de Londres, uma mulher bonita, toda vestida de fustão branco, de uma magreza esbelta, um busto que parece flexionar-se como vara d'aço ou haste de lyrio, recorta com a sua graciosidade as folhagens que bordam a escadaria e as janellas.

Por sobre as folhas das trepadeiras, a mão da mulher de branco escreveu estas palavras, com a letra firme de uma penna bem installada na felicidade:

A' querida madame de Thébes recordação de uma prophecia feliz.

E' evidentemente alguma, ingleza ou americana a quem Madame de Thébes prophetisou aquelle *chalet*, encaixilhado em sombras cheirosas, á beira d'um lago onde a sua cabeça loira se espelhasse, á luz doce das tardes de verão, cahida sobre um peito que a amasse como ás rosas o orvalho.

A prophecia cumpriu-se; o sônho foi photographavel...

—«Quer ter a bondade de entrar?...»

Ah! é Madame de Thébes. Adeus! Vou entrevista-la. O melhor é não esperarem por mim. Uma entrevista tanto póde levar dez minutos como uma hora. Eu depois conto.

Joaquim Leitão.

Perfumaria Balsemão
RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE 2:777
LISBOA

José Novaes

A missa por sua alma

Quem estas linhas escreve foi um dos mais intimos amigos de José Novaes, aquelle que mais de perto conviveu com elle antes do exilio, na phase mais agitada da sua carreira politica. Por conseguinte o que melhor pôde avaliar a grandeza da sua nobilissima alma e a nobreza do seu elevadissimo caracter.

Severo na apreciação dos homens publicos de seu tempo, nunca regateou elogios aos inimigos, quando os acontecimentos provavam que o seu juizo tinha sido menos verdadeiro. Espirito dominado por um modelar sentimento de justiça, era o primeiro a confessar o erro, dirigindo-se ao adversario, com um bello sorriso de bondade, caracteristico d'uma alma generosa, d'um coração diamantino em arcabouço de luctador!

Por vezes discordamos sobre questões secundarias de administração publica, sobre a probabilidade de se darem determinados acontecimentos; nunca entre nós houve divergencias em questão de principios. O affecto que nos prendia só era egualado no amor que votavamos ao partido que lhe ajudei a crear. Sublimes relações as dos homens quando apenas os movem o bem da Patria!

O meu querido Luiz de Magalhães traçou um perfil de mestre. Amigo dedicado e leal de José Novaes elle era de facto o espelho da sua alma. Temperamento de artista, burilou na phrase todo o sentimento do amigo. A energia moral e a bondade do illustre extincto resaltam como caracteristicas dominantes do seu temperamento e talvez esteja n'isso o segredo principal do seu incontestavel prestigio e enorme influencia.

Adeus, meu bom Amigo! Juro que saberei honrar as vossas cinzas, continuando a ser humilde obreiro do Ideal que abraçamos. A minha existencia deponho-a, como fizestes á vossa, no altar da patria!

* * *

Só os homens de valôr e os homens bons vivem depois de mortos. Os dias que dispensamos á sua memoria tornam-se dias de festa nacional.

A imponencia do acto que se realizou a 14 do corrente, na Egreja da Trindade, dá a medida do estado do espirito publico no momento presente. Milhares de pessoas foram ali prestar homenagem a um homem de bem e é possivel que todas, sem excepção, penitenciando-se de erros passados. Que as cinzas de José Novaes sejam a argamassa da obra do Futuro!

. . . . . .

Ramalho Ortigão, o incomparavel artista das lettras portuguezas, recorda, quando se refere ao Rei martyrisado, a phrase do Evangelho: "A arvore não dá flôr emquanto a semente não tenha apodrecido no seio da terra".

Pois com tão boa semente como aquella que o solo está recebendo, é impossivel que a flôr não desabroche de prompto e que o fructo não saia excellente. Saber esperar é o grande segredo da vida; a esperança o melhor balsamo dos que soffrem!

V. T.

* * *

Damos a seguir a lista das pessoas que nos lembra ter visto no templo da Trindade, e que não representa mais que uma quarta parte das que assistiram ao religioso acto:

Alberto Basto e Augusto Basto, José Machado Pinto Saraiva, Antonio Gomes dos Santos, Joaquim Rangel, general Cibrão, dr. Varella, Joaquim Forbes Bessa, Francisco Bernardino Pinheiro de Meirelles, Guilherme Figueiredo, João Lopes Correia, Luiz Cruz, Antonio da Silva Lima, Mario Oliveira, Antonio Coelho Junior, conego Rodrigues de Sousa, padre Carlos Maia, dr. Felteira Junior, José Pimentel, Sebastião Machado Queiroz, Mario Leitão, Roberto Barbosa, Pinheiro Osorio, Antonio Gomes Pinto, Alvaro Henrique Ferreira, Frias da Fonseca, Francisco Pereira Machado Junior, Manoel Ribeiro d'Almeida, conde d'Alpendurada, conde de Lumbrales, padre Narciso d'Oliveira, conselheiro Malheiro Reimão, padre Joaquim Barreto, dr. José Rodrigues de Carvalho, dr. Augusto Pimentel, Antonio Sarmento da Cunha Pimentel, Christiano Wanzeller, José Menéres, Alfredo de Castro, ex-ministro na Russia, Manoel da Costa Oliveira, consul e vice-consul de Italia, Antonio Pereira da Motta, Manoel Freitas da Silva Coutinho, José Alves de Sousa, dr. Thomaz Lobo, Bernardino Carlos Vareta, Alberto Margarido, dr. Pedro Teixeira, dr. Eduardo da Motta Coelho, Silvino de Magalhães, dr. Luiz Wodhouse, Francisco Pombeiro, dr. Gramaxo, Alvaro Ayres Gouveia, dr. Araujo e Castro, Oscar da Silva, Alfredo Ribeiro, Antonio Teixeira de Sousa, Julio Augusto de Carvalho, José Esteves Fraga, Vicente Pinto de Faria, José Antonio de Azevedo, Manoel Guimarães Pestana, dr. Cruz Capello, Manoel Martins Gonçalves, Abel Brandão, Semião Pinto de Mesquita Cardoso, Joaquim da Costa Correia, padre Antonio Pires, José Alves da Silva Junior, José Alves da Silva, Domingos Alves da Silva, Manoel Lourenço Rodrigues, Antonio Luiz Abrantes, Simão Gomes Ferreira, Simão José Gomes Ferreira Junior, Manoel Alves da Cruz, Antonio da Costa Ramos, abbade de Parafita, dr. Eduardo da Silva Torres, Manoel José d'Almeida, Manoel João dos Santos, Antonio José Moreira, de Cabanellas, Joaquim Antonio Moreira, Alfredo Pinto Oliveira, Antonio Augusto da Silva Cunha.

Desembargador Marques Perdigão, juiz dr. Carlos Pinto, dr. Leopoldo Mourão, visconde de S. Carlos, visconde de S. Verissimo, Rui Guilhomil, Albano Ramos Paes, Pedro Maria da Fonseca, Arnaldo Ribeiro Barbosa, Antonio Pires de Carvalho, Francisco de Sales Ferreira, Preces Diniz, Alberto Peixoto Villas Boas, Antonio Jorge Coutinho Lemos Ferreira, Henrique Baptista, Manuel Alves Pinto Magalhães, Antonio José Gomes Samagaio, Manuel José da Motta, Sebastião Moreira da Cruz, José Rangel Pamplona, dr. Pereira da Silva abbade de Paranhos, José Maria Simões, Antonio Paulino, Reinaldo Vieira, Arnaldo Evaristo Pereira da Fonseca, Antonio Albuquerque, Pedro Bacellar, Lourenço Leite da Costa, consul de Hespanha, Eduardo Marques da Silva, Francisco da Rocha Leão, Armando Branco, Corsino Cardoso, Fernando Brito (Ermida), José Augusto Dias, Antonio Maria Ramalho de Barros Ferreira, Alfredo Ferreira Granhão, Joaquim Martins Marques, Vasco Taveira, Joaquim José Gonçalves, Sebastião Alves de Brito, dr. Adriano Anthero, dr. Carlos Faria, visconde da Silva Andrade, Delfim de Lima, Guilherme de Lima, Manoel Ignacio da Silva Braga, Felisberto Monteiro, Annibal Vasco Leão, Joaquim Leite Braga, Cristiano da Silva, Alfredo Thomaz de Brito, Fernando Cerquinho, Manoel Francisco da Costa, Gaspar Rodrigues Cardoso, Gaspar Lucas d'Almeida, Honorio de Lima, Arnaldo da Silveira, dr. Agostinho de Souza, José Francisco da Silva, Antonio da Silva Cunha, Jacintho Neves, Adriano Lencastre, Julio Duarte de Souza, Joaquim da Silva Mello, Antonio da Silva Marinho, Frederico Augusto dos Santos Pereira, barão do Vallado, Guilherme Arnaldo Leite de Faria, Eduardo Leão Costa, dr. Adelino Costa, João B. Lima Junior, dr. Forbes de Magalhães, dr. Antonio Homem de Mello, dr. Adolpho Pimentel, visconde das Devezas, João da Costa Mascarenhas, Sebastião Botelho, Alfredo Pinto de Oliveira, Manoel do Carmo Saude, Francisco Ribeiro Vieira Mattos, Manoel Joaquim Correia Lacerda Junior, Antonio F. Pinto de Magalhães, Alvaro Teixeira Pinto de Magalhães, Antonio Pereira da Rocha Paranhos, Francisco José Cabral Alvares Ribeiro, Alberto Ferreira, dr. Affonso Themudo Rangel, José da Silva Ferreira Bahia, Alvaro Botelho Borges de Sampaio, Joaquim Ribeiro da Silva.

Visconde de Alijó, Serafim Reis, Fernando Wanzeller, Raul Monteiro Pinto, Rodrigo Lencastre, José Joaquim Ferreira Marques, José da Costa Prata, Antonio Baptista Alves Lemos, Henrique Vieira Borges, Salvio José da Costa Rato, José Amorim, Alfredo Figueiredo, dr. José Figueirinhas, José Garibaldi de Figueiredo, Carlos Motta Marques, Adriano Fernandes Coimbra, José Vaz Guimarães, Artur José de Sousa, Luiz Paulo d'Aguiar, Jacinto José David, Joaquim Maria da Assumpção, Arnaldo Alves da Silveira, Antonio Serafim Gomes, Manuel José da Silva Couto, Manuel Martins Tomé Fins, dr. Antonio Rodrigues Gomes, José Antonio d'Almeida e Silva, Domingos José da Costa Moreira, Sebastião Alves Guerra.

Germano Pedrosa de Figueiredo, Bernardo Caldas Castro, José Machado Sarmento, Alvaro d'Azevedo, Antonio Pinto d'Oliveira, Emigdio Quintella, dr. Joaquim de Mattos, Paulo d'Abreu Machado, general Domingos Correia, Domingos Gonçalves de Sá, Lino Soares de Almeida Campos, Manuel José da Costa, Jacinto Duarte Dias e Sousa, Alvaro Velloso de Figueiredo, José Pinto Victorino, Francisco Pereira e Sousa de Sequeira, Julio Cesar Eugenio, Antonio Amorim, Francisco de Meirelles Pereira Leite Teixeira Coelho, Diniz Joaquim Praça, Jacinto Furtado, Augusto David da Silva, Miguel Pestana de Magalhães, dr. Camillo Sá Sotto Maior, Domingos Villa Chã Esteves, dr. Evaristo Gomes Saraiva, Henrique Leite Ferraz Vieira d'Araujo, dr. Artur de Freitas Cid d'Almedina, Henrique Ferraz Carneiro, Sebastião Botelho Machado de Queiroz.

Visconde da Gandara, José de Sousa Faria, Bernardo Lencastre, Delfim Pereira da Costa, F. Alves Mendes, general Antonio M. Moraes Sarmento, Manuel Bastos Junior, José Alves da Silva Junior, Miguel d'Oliveira, Antonio Ferreira da Silva, João de Sousa Pinheiro, Manuel José Ferreira Guimarães, engenheiro José Noel Remy, Alberto Magno Rodrigues, José Antonio Brandão Veiga, Joaquim Ramalho Ferreira, Domingos José Monteiro, Eduardo da Fonseca, dr. Campos Paiva, Diniz Gonçalves de Sá, Ignacio Alberto de Sousa, Antonio Agostinho da Silva, Maximiano da Costa Cardoso, Antonio Alberto da Cerveira Pinto, Joaquim Antonio d'Oliveira, Alvaro Henrique Ferreira, juiz Miguel Mendonça Balsemão, Ernesto Guimarães, Antonio Ferraz Carneiro Junior, Antonio Correia Magalhães Ribeiro, Annibal de Sousa Rego, Carlos Lima Rego, dr. Eduardo Machado, Antonio Augusto Monteiro, dr. Augusto Brandão, Antonio Pereira da Silva Moitas, Julio Ferreira dos Santos Silva, Alvaro A. da Silva Foito, José Cardoso de Faria, Fernando Augusto Ferreira Valle, Julio José Eugenio.

D. Jorge de Menezes, dr. Sousa Avides, Pedro vasconcellos (Roriz), José Carlos dos Santos, dr. Antonio Correia de Sousa, Vasco Pinto (Ermida), José Teixeira Bastos, Antonio Sá e Mello, João Pinto Soares, Carlos Martins Pereira, Affonso Faria da Veiga Cabral, Benjamim de Freitas Guimarães, José Peixoto Pereira de Vasconcellos Côrte Real, Frederico Augusto, Francisco Barroso da Cruz, Ernesto Augusto de Castro Guimarães, Bernardo Marques dos Reis, Pedro Pereira d'Oliveira, José Joaquim Ribeiro, José Domingues Moreira, Antonio da Costa Oliveira, José Capello, dr. Guilherme das Neves Rodrigues, Augusto Vieira de Mello, Francisco de Carvalho Rocha, dr. José Augusto de Lemos Peixoto, Antonio Pacheco, Adriano Augusto da Luz, Augusto Cesar Coutinho de Carvalho, Alfredo Cardoso de Castro.

Dr. José Domingues d'Oliveira, Adelino Pinto de Oliveira, Manuel Alcindo de Sousa e Silva, Eduardo da Rocha Leite, Rui Brito (Ermida), João J. Mendes Guimarães, dr. Alfredo M. d'Almeida, dr. José d'Oliveira Lima, José Alves Silva, Alberto Moreira Barbosa, visconde de Villarinho de S. Romão, Izidro de Campos, dr. Leopoldo Correia Mourão, dr. Affonso Barbedo Pinto, Antonio Campos, João Francisco d'Araujo Braga, dr. Carlos Lima, rev. Nestor Serafim Gomes, dr. Roberto Mendes, Antonio Victorino Alves, Antonio José Borges, padre Pinto d'Abreu, José Barbosa Ribeiro, Antonio Alves Sá, sobrinho, Francisco Garrett Correia de Freitas, Manuel Teixeira A. Vasconcellos, José Martins de Queiroz Pereira de Menezes, Antonio Augusto Sá Varella, dr. Vaz Pinto, Alberto Carneiro de Vasconcellos, conde de Campo Bello, João Ribeiro de Faria Mesquita, Arthur Saraiva da Motta Dias, Simão Leite dos Santos Vasconcellos, dr. Albano de Sá Lima, Francisco Pereira Alves Coimbra Daniel Joaquim Barbosa, Antonio Augusto Henriques, Domingos Ferreira Leite, Joaquim Alves de Oliveira, Eduardo Sequeira, dr. Almiro de Vasconcellos.

José Augusto do Couto de Mêna Falcão Carneiro, Augusto Ribeiro Gonçalves Basto, dr. Mateus de Castro Moura, Samuel de Fontoura Galvão, Joaquim Rodrigues da Silva, Rodrigo Lopo d'Avila, Manuel da Ascensão e Castro, Antonio Augusto dos Santos, Damião Martins Fernandes Guimarães, dr. Joaquim Urbano Cardoso e Silva, José de Magalhães Carneiro, Manuel J. Meirelles Abreu Guimarães, dr. Trajano Teixeira Bastos, Joaquim da Rocha Coutinho Ferra, Manuel do Sacramento Dias do Carmo, Manuel José Leite da Costa Junior, Augusto Teixeira, Alfredo Mattos Azevedo Leal, João Borges Pacheco Pereira de Bourbon e Menezes Manuel da Silva Figueiredo, Carlos Guerreiro, Manuel Antonio d'Oliveira, Padre Candido de Sousa Maia, Manuel Martins Ramos Guimarães, Henrique Moraes e Costa, dr. Ignacio Pinto d'Oliveira, Antonio da Silva Castro, Manuel Joaquim Ferreira Valente, Manuel dos Anjos Lebreiro, dr. Antonio Pinheiro Torres, João Baptista Machado, dr. Gaspar da Costa Leite, Armando Ferreira Ribeiro, dr. José da Motta Marques, Alvaro Almeida Pinto.

Alfredo Vieira Ribeiro, Antonio Peixoto da Silva, Ferreira da Cunha, Joaquim Capella, David Marques, Alfredo Luiz de Faria Couto, Francisco Peixoto, João Braga, Hercules Lambertini de Magalhães, Felix de Mello, Azuil Augusto Soares, Izidro Antonio Pereira da Rocha Paranhos, Luciano de Pinho da Silva Campos, dr. Aarão Ferreira de Lacerda, Manuel Vieira Rebello, Manuel Vieira Rebello Junior, Bernardo Carneiro Soares, Martins de Almeida, Rodrigo de Queiroz de Sousa Pinto, Antonio Maria da Rocha Guimarães, Joaquim Aires de Gouveia Allen, Ernesto Augusto de Castro Guimarães, Rui de Brito e Cunha, Guilherme Cunha Reis, Alberto Cardoso N. de Menezes Macedo, Joaquim Frias da Fonseca, Luiz Tomaz das Neves, D. Lourenço de Noronha e Tavora, Antonio Fernandes Coelho Junior, Alfredo Tomaz de Brito, Alberto Alvares Ribeiro, Carlos Costa Alemão Teixeira, Albano Nobre, Carlos Magno de Barros Osorio, Manuel José d'Almeida, Amadeu C. Moreira Cristello, Rodrigo M. Seabra Pinto Leite, Luiz Maria de Figueiredo Cabral.

Joaquim de Castro Silva, Domingos Alves Machado, José da Costa Prata Jacintho José David, Antonio de Freita Gonçalves Guimarães, Mario da Costa Carregal, Antonio Augusto Soares, Sebastião Antonio Gonçalves, Americo Augusto de Lima, João Pereira dos Santos, José Alves dos Reis, Joaquim Ferreira, Eduardo Guedes de Mello, José Maria Ribeiro da Cunha, Constantino Pereira de Magalhães, Valeriano Pereira Carvalho, F. Lopes Leite de Faria, dr. Oliveira e Cunha abbade da Sé, M. M. de Souza Pinheiro, rev. Luiz Marianno Ribeiro, Manuel da Cunha Vieira Alfredo de Castro e Silva, Francisco Rodrigues, João de Sousa Pinto, Alvaro de Azevedo, Julio Duarte de Souza, Antonio Silva Mattos, rev. dr. Joaquim José de Oliveira Cunha, Manuel Ignacio da Silva Braga, João Pedro de Viterbo, Hermenegildo Portella, Guilherme Augusto Marques Braga, José Alves da Silva Junior, Sebastião Correia da Costa, Eduardo de Albergaria, Antonio Lopes, Augusto Brandão, Mario de Magalhães, rev. João M. do Espirito Santo, Ernesto de Sousa Nogueira, Armando de Sousa Nogueira, Antonio Rocha, Adriano de Almeida, Marianno Trucco, José Maria Soares Vieira, Guilherme Leite Braga, José Taveira de Carvalho.

Avelino Ferreira Mattos, João Couto Marques Torres, Francisco de Castro Monteiro, general Brandão de Mello, Semião Pinto de Mesquita, Carlos de Vasconcellos Porto, Guilherme Bernardino, Carlos da Motta Ribeiro, Antonio Figueirinhas, Francisco Ramalho, João Antonio Dias, Ludgero Malheiro, José Fernandes das Neves, Domingos Curado, Joaquim José de Sousa Magalhães, Antonio Pereira Soares, Antonio de Almeida Estrella, Eduardo Ferreira da Cunha José dos Santos Ramos, Alfredo Figueiredo.

Raphael Pereira dos Santos, Antonio Ramos Pinto, Joaquim Felix Nunes, E. H. Costa Cabral, Bento de Oliveira e Silva, Amadeu Eduardo de Campos Paiva, João Luiz Arriscado, Adriano Alves Pinheiro, Joaquim de Vasconcellos, representando a Juventude Catholica do Porto, Antonio Pinto Nogueira Pires, Francisco Brandão de Mello, Joaquim de Sousa Guedes Cardoso Machado, Carlos Bogonha, Serafim Pereira da Silva, Valentim Ribeiro Vianna, José Ribeiro da Fonseca, rev Francisco de Oliveira, Antonio Minhavs, Luiz Cortez, Carlos Marinho, Lourenço Vaz, Antonio Alberto, Duarte Huet de Bacellar, Maximiano Dias de Carvalho, Francisco da Rocha, Francisco Manoel Affonso Cardoso Dias, Marcos Tamegão (Vallado), dr. Antonio Urbano Cardoso e Silva, Antonio Cabral Borges, José de Sousa Ribeiro, dr. Agostinho d'Almeida Rego, João Couto, Carlos S. Mello Guimarães, José Carlos dos Santos, João Teixeira Duarte, Manoel L. Ramalho, Luiz Freitas Neves, Joaquim Teixeira, José Francisco de Oliveira, Joaquim José Barbosa, Rodrigo Mello, Alvaro da Silva Faria, Sebastião Eugenio Cesar de Sá, Manoel Reis, Candido Monteiro, Antonio Fontes (sobrinho), Antonio José Rocha da Costa, Antonio José Guedes, José Dias de Moura, Francisco de Almeida, João Alves Rodrigues, Arnaldo Marques da Silva, Antonio Braz de Araujo, José Baptista Junior, Mario Augusto Alves de Oliveira, Manoel Joaquim Correia de Sousa, Abilio de Castro, Luiz de Vasconcellos Porto, Antonio Maria Ramalho, José Antonio Brandão Veiga (Valença), conde de Vizella, Antonio Bernardo Ferreira.

Francisco Figueiredo Cabral, Manuel dos Anjos Lebreiro, Francisco Augusto Santos Penna, Manuel José Ferreira Guimarães, Fernando Neves, João Pinto Nogueira, Carlos Antunes Ferreira Gonçalves, João Ferreira Gonçalves, José Pinto Victorino, Joaquim Ventura Ferreira, Alvaro Aires de Gouveia Osorio, Abilio de Sousa Camões, João de Castro, Ignacio da Costa.

Dr. Arthur Ferreira de Macedo, Alfredo Johnston, Eduardo Baptista de Castro, Jorge de Lemos (Devezas), Antonio José Dias Pinto, José de Faria Guimarães, Domingos Ferreira Leite, Sebastião Lobo Cardoso de Menezes (Nespereira), rev. Manuel Tomé da Silva, abbade de Fanzeres; José Francisco de Oliveira, Arnaldo Lima, Gaspar Lucas de Almeida, Alberto Carneiro de Vasconcellos, Antonio José Moreira, José Domingues Moreira, Manuel Alves da Cruz, Antonio Leite de Almeida e Silva, Bernardo Leite de Souza e Silva, Jacinto Duarte Dias e Sousa, Domingos Correia, Fernando A. de Azevedo Coutinho, Antonio da Silva e Castro, José de Magalhães Carneiro, José Maria Ribeiro, José Pereira Ribeiro, Silvino Pinheiro de Magalhães, Antonio de Magalhães Fonseca, Luiz Brandão de Mello, José de Almeida, Adelino Dias dos Santos, José Cardoso de Miranda, Fernando Gramacho Junior, D. S. Marques, Antonio Taveira de Carvalho, Humberto Mendes Correia, José da Silva Castro, Ary Vallongo, Joaquim de Freitas Guimarães, Alfredo Baptista, dr. Illidio Fernandes Monteiro, Joaquim Costa, José Antonio da Silva, José Augusto da

Costa, C. M. da Silveira, Manuel Martins Guimarães, Manuel Rodrigues Formigal, Augusto Soares de Pinho, Manuel Antonio P. Reis.

Rev. dr. Antonio Ferreira Pinto, João de Souza Pinheiro, Abilio Antunes de Castro, Albino Dias Torres, Antonio Vieira Rente, José Alves da Silva, Ivo dos Santos, Manoel Pereira, Crispim Nunes da Costa, dr. Alexandre Carneiro Giraldes, Luiz Manoel Fernandes, Julião Monteiro, Bento da Rocha Leão, Abel Martins Pinto, Ricardo Arroio, Amadeu Martins Pinto, D. Luiz de Noronha e Tavora, José Pinto Amorim da Costa, Clemente Joaquim Guimarães Sobrinho, Adolpho Pinheiro Osorio, Alberto Basto, Alvaro Botelho Borges Sampaio, Arthur José de Souza Junior, dr. Gaspar de Abreu Domingos dos Santos Proença, Alberto Alvares Ribeiro, Antonio Augusto Monteiro, José Joaquim Cavalheiro, D. João de Castro, (Rezende), D. Jorge de Menezes, Manoel Fernandes Tinoco, José Marcellino da Silva, rev. Antonio Pinto de Paiva Freixo, abbade de Crestuma; rev. Arthur Assumpção Sande, abbade de Sandim; Nuno de Brito e Cunha, Joaquim Fonseca Guerra, Luiz Teixeira de Queiroz, Belmiro Vieira da Cunha, Joaquim de Barros Vasconcellos, rev. Nicolau José Ferreira, Antonio Joaquim Ribeiro, Jacintho Marques, Carlos Pinto, Carlos de Barros, Silvestre de Barros, Antonio José de Souza Nogueira, José Nogueira da Costa, Alberto Moreira Lopes, Mario Antunes Leitão, Candido Monteiro, Antonio da Costa, Januario de Souza Leite, Carlos Faure, M. R. da Costa, Manoel Moreira de Andrade, Augusto Gomes dos Santos, João Ventura Ferreira, João da Costa Campos, Antonio Ramos Paes, Francisco Fogaça, dr. Sebastião dos Santos Pereira de Vasconcellos, dr. Matheus d'Oliveira Monteiro, consul da França, Manoel Pereira, Domingos Romariz, capitão Mattos Magalhães, Claudino Augusto Chaves de Oliveira Pereira, Alberto Annibal Pinto de Souza Cruz, dr. Francisco Fernandes, Adriano Ramos Pinto, Mario d'Almeida, Anthero Chaves Pereira, dr. Alberto Moreira de Souza, José Soares Brandão, José Maria de Freitas da Silva Esmeraldo, Alberto d'Almeida, Antonio da Rocha Romariz, Alberto Pereira, José Vicente de Faria, Augusto da Rocha Romariz, etc.

Além d'essa assistencia de cavalheiros conseguimos obter, de entre o avultadissimo numero de senhoras, o nome das seguintes:

D. Thereza da Silva Vasconcellos Porto, Mme Magno Rodrigues, Mme Lemos Peixoto e filhas, Mme Gomes Samagaio e filhas, Mme Fontoura Curado e filhas, Mme Martins Costa, Mme Eduardo de Albergaria e sobrinha, Mme Amalia de Sousa, Mme Fonseca e Cunha, Mme Pires de Carvalho, condessa de Lumbrales, Mme Costa Rato, Mme Geraldes, Mme Oliveira Lima, Mme Brandão Couto, D. Alice da Rocha Leão Leite, Mme Amarante Borges, viscondessa da Ermida filhas, D. Guilhermina Pimentel Vieira, Mme Reinaldo Vieira, D. Elvira Barbosa, Mme Amelia Amarante, D. Maria e D. Sofia Alão, Mme Prazeres Mimoso Brandão, Mme Brandão de Mello, Mme Sousa Rego e filhas, Mme Lencastre e Magalhães, Mme Moraes de Almeida, Mme Costa Oliveira, Mme Ignacio de Sousa, D. Maria do Valle, D. Josefina Menéres, D. Aurora Reis, D. Isabel Vallado Barbedo Pinto, D. Maria da Conceição Cesar de Sá, D. Maria Augusta Cesar de Sá, D. Maria Dias Ribeiro, D. Virginia Soares Motta, D. Carolina de Barros, D. Theresa de Bertiandos, D. Maria Christina de Sousa Nogueira, D. Maria da Natividade de Sá Pinto, D. Maria Augusta da Luz, D. Alice Luz, D. Julia Flores Loureiro e filhas, D. Delfina Antunes Leitão, D. Isabel Leitão Freitas Azevedo, D. Adelaide Matias, D. Virginia Martins, D. Eulalia da Conceição de Oliveira e Silva Ferreira Prece Diniz.

D. Alice Novaes Castro, D. Clotilde Correia do Valle, D. Maria Amalia Pinto Leite, D. Maria da Gloria Seabra Pinto Leite, D. Maria Augusta Rodrigues, D. Maria Isabel de Castro Monteiro, D. Thomazia Coutinho de Castro Monteiro, D. Laura de Oliveira Cruz, D. Augusta de Almeida Reis, D. Augusta Soares, D. Amelia Bandeira de Castro Rego, D. Maria Couto, D. Paulina G. C. Oliveira e irmã, D. Adelaide dos Santos Vasco Leão, D. Maria Eugenia Reis, D. Adelina Reis Pinto de Lemos, D. Laura Alves da Silva Oliveira, D. Amalia Brandão, D. Carolina Seixo, D. Maria Anna Pereira Lemos Ferreira, D. Leopoldina e D. Patrocinia Fogaça, D. Maria Amelia de Sousa, D. Maria José Alvares Ribeiro, D. Elvira Affonso Alfaro, D. Joaquina Rosa de Barros, D. Maria Emilia Ramalho de Barros Ferreira, D. Marianna Viegas de Vasconcellos Queiroz, D. Felismina Pinto de Mesquita, D. Marianna Sampaio, D. Palmyra d'Almeida Pereira, D. Maria Maximina Darim Lobo Leite, D. Esmalia de Araujo Bastos Messeder, etc.

* * *

A commissão promotora da piedosa homenagem, composta dos Snrs. Adelino Costa, Carlos Faria, Christiano Wanzeller, Costa Leite, João de Queiroz, Leite Braga, Luiz Viegas, Manuel Francisco da Costa, Pinto de Mesquita, Thiago d'Almeida e Vasco Taveira, agradece a todas as pessoas que se associaram á manifestação de saudade á memoria do Conselheiro José Novaes, a sua cooperação na obra de resurgimento nacional.

O Passado e o Presente

Se nós sómos republicanos, — dizem os defensores conscientes do regimen, — é porque a fórma republicana de governo é a unica que póde collocar o individuo a coberto de servidões, e realizar a sua emancipação, integral, total e radical.

O individuo, os seus direitos e a sua liberdade, taes são com effeito os objectivos das republicas. Authenticamente o consigna o bronze historico da «declaração dos direitos do homem e do cidadão».

«O individuo, os seus direitos e a sua liberdade», eis, pois, o fim, a que todos os outros fins teem de subordinar-se.

A collectividade, a sua conservação, e o seu Poder, as suas aspirações, e os seus progressos, presentes, e futuros, — e tudo mais que importe á collectividade, considerada como tal, — entram por consequencia, e «ipso facto», na classe dos objectivos secundarios. Porque, evidentemente, o ponto de vista das regalias individuaes não só se não confunde, mas mesmo se oppõe, com frequencia, aos pontos de vista do «Bem Commum». E, assim, se o primeiro fica adiante, os segundos hão de forçosamente ficar atraz.

Em resumo, Liberdade, Egualdade, Fraternidade, — e «Individuo super omnia».

* * *

«Que el-rey se lembre de mim..., roguem por minha alma, que é a ultima vez que nos veremos!»

Com estas palavras, resignadas e estoicas, se despedia, de seu irmão D. Henrique, o Infante D. Fernando. Depois do insuccesso junto aos muros de Tanger, obtivera-se a retirada a salvo dos restos da nossa gente, sob a condição da entrega de Ceuta, ficando o Principe prisioneiro de Marrocos como refens. Mas

«..o santo irmão Fernando,»
«Por não se dar por elle a forte Ceuta»,
«A captiveiro eterno se convida».

Não entregámos Ceuta, de facto, morrendo martyr, em Fez, o nobre filho do rei D. João I.

Crença, Dever, Sacrificio, — «Patria super omnia».

Outros modos de ver. Antiquados, retrogrados, por ventura. Mas, na verdade ha quem n'os prefira.

* * *

Outros modos de ver, que são os do patriotismo puro.

Ahi o «Individuo», e mais os seus direitos e liberdades, deixa d'armar em centro do systema. A Patria é que é o Sol. A Patria, as suas vantagens, a sua preponderancia, o seu prestigio. Tudo o mais anda a róda, quer dizer, tudo o mais se lhe sujeita.

O «Individuo» vive dos reflexos d'essa luz. Das claridades d'ella faz portanto o seu interesse.

E a sua energia pessoal, pequena ou grande, atira-a para dentro d'esse nucleo commum, afim de que as irradiações recresçam, e os brilhos, dos quaes cada um se considera participante, com o direito de quem lá queima o melhor de si.

A Patria é que é o ponto de referencia.

Direitos, Liberdade?

Sim. Mas dentro dos limites marcados pela conveniencia do bloco nacional. E, perante as revindicações, d'essas conveniencias, a voz unica, uniforme, e convicta, das renuncias, e das abnegações, espontaneas, voluntarias, e consentidas. A miseria, a escravidão, a morte aos pedaços, — diz mesmo, lá dos nimbos dourados da nossa Velha Historia, o exemplo sacrosanto do martyr D. Fernando.

Direitos, Liberdade? Sim.

Mas, primeiro, Deveres e Disciplina.

. . . . . .

Outras modas — não ha duvida.

Quaes terão mais virtude?

Quaes levarão mais longe?

No que fomos, — e no que estamos sendo, — talvez a resposta se encontre, sem grandes difficuldades.

* * *

Em conclusão ha, portanto, duas especies de criterios. Uma que colloca acima de tudo o Cidadão, e os seus direitos, — outra que colloca acima de tudo a Patria, e os seus Beneficios.

Devendo notar-se que, se existem aspectos, em que é possivel a mutua compatibilidade dos dous criterios, essa coincidencia está longe de representar a regra ordinaria, pela simples razão de que o Bem da Communidade se amassa muito mais com subordinações, e altruismos, do que com liberdades e regalias.

O regimen republicano basea-se fundamentalmente no primeiro d'esses criterios. Affirmativa esta que dispensa demonstração, porque está contida nos proprios principios essenciaes, que definem e caracterisam a republica.

A Monarchia hereditaria é o regimen que se presta logicamente ao desenvolvimento pratico do segundo d'esses criterios. Porque o bom andamento dos negocios geraes, que é a expressão final das nossas aspirações conforme esse segundo criterio, só póde plausivelmente conseguir-se por meio de uma direcção superior do Estado com independencia, unidade de vistas, sequencia, e continuidade de processos, — requisitos estes de possivel realisação dentro do machinismo da monarchia hereditaria, — e proximamente inconciliaveis com a republica, regimen por natureza instavel de cima a baixo, e absolutamente á mercê d'eleições, luctas partidarias, e interdependencias de baixa politica.

E lá vemos, de facto, a Monarchia a servir d'instrumento na unificação dos grandes Estados modernos, Italia, Allemanha e recente confederação balkanica.

Mais applicavel ainda se torna o raciocinio na hypothese concreta de paizes latinos, e de populações pouco cultas e educadas. E comtudo a republica implantou-se em Portugal.

* * *

Como symbolo de sacrificio, e dever honrado e duramente cumprido, citámos atraz o Infante D. Fernando.

Começava então o nosso Imperio a estender os braços pelo mundo.

E esse acto do Martyr Real, só por si, mostra luminosamente quaes as pedras e os cimentos, com que se edificou essa grande Obra portugueza, da descoberta e expansão Colonial.

Que são precisamente as mesmas pedras, e os mesmos cimentos, com que se fabricam, e levantam, todas as grandes Construcções Nacionaes.

Sentimentos, e vontades, concentrados n'um ideal commum. O culto do Dever, a Capacidade do Sacrificio, o fogo patriotico, quente e vigoroso, na massa do sangue.

Como ideal commum apontou a republica a guerra ao Padre e ás Corôas, ás Crenças e ao Passado. Em positivos rende pouco segundo se tem visto. Resulta a criação methodica de Ruinas e Dissolvencias, de Rancores e Desordem.

E, afinal, na desgraça em que cahimos, entre os perigos imminentes que nos cercam, percebe-se sem custo o que poderiamos querer, e o ideal dos esforços tem o sentido bem indicado: construir, moral e materialmente.

Resta que se torne commum o ideal. Resta que se lhe dediquem as virtudes necessarias.

Ha sentimentos? Ha vontade, em grau sufficiente?

Henrique de Paiva Couceiro.

PERFUMARIA FINA
PRAÇA DE D. PEDRO, 101
LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabello, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentrificos.

CHRONICA MILITAR

Paris — Fevereiro de 1913.

As grandes manobras do exercito francez serão este anno levadas a effeito pelos 12.°, 16.°, 17.° e 18.° Corpos de Exercito.

Os dois partidos oppostos serão commandados respectivamente pelos Generaes Pace e Chomer.

Provavelmente a região escolhida será a comprehendida entre o Geronne e o Dordogue, entre Béole, Ageu e Cabors.

E já que fallamos no general Pace não será descabido referir o seguinte, que é sumamente elucidativo, para todos aquelles que desconheçam a «benefica» acção do radicalismo no Exercito...

Mas contemos o caso, que extrahimos do precioso livro de Chéradame sobre a «Crêse française»:

Desde 1870, isto é, desde mais de 40 annos que a França não tem á frente do seu exercito um *generalissimo*, na mais ampla e alta expressão da palavra.

Todos aquelles (Saussier, Hagron, Jamont, Brugère e Michel que fôram pelo publico profano, considerados, como taes, não passaram de simples *vice-presidentes* do Conselho Superior de Guerra, arvorados em caso de guerra, em commandantes em chefe dos exercitos, combatendo no theatro principal das operações.

O verdadeiro *generalissimo*, supremo e unico, de *todos* os exercitos, continuava sendo o Presidente da Republica, conforme o estatuido no art. 3.° da Constituição de 1875.

Ao generalissimo, ao *pseudo-generalissimo*, vamos indo, era-lhe simplesmente dado o conformar-se com o *objectivo* — campo de acção, designado pelo... Conselho de Ministros, a quem, conforme as declarações de 19 de junho de 1911, feitas ao Senado pelo general Goiran, então ministro da guerra, competia a *alta direcção da guerra*.

Isto, é certo, tinha, em caso de derrota provavel, uma certa vantagem: a responsabilidade dividida por umas tantas... incompetencias...

Nada, pois, o *pseudo generalissimo* tinha que vêr com os generaes em chefe, operando nos theatros secundarios, os quaes continuavam dependendo directamente do... Conselho de Ministros.

«Confier cette mission à un général — dizia a *Lanterne* — même de génie, constituerait le plus grave péril...»

Tal é o mêdo que aqui se tinha — e se tem... — d'uma Espada. Tal é o mêdo que, em frente de certos elementos, mal se póde ainda falar em Lyantey, em Gallieni e... em tantos outros nomes de real valor, que tem a França,

á frente das suas tropas... «Uma espada!» — eis o perigo. E está tudo dito...

Vae senão quando, em 1911 está por um tris a guerra com a Allemanha. A opinião publica, justamente alarmada com as atraz citadas declarações do general Goiran, reclama que se ponha cobro a um tal contrasenso, que já era contrasenso condemnado por Bonaparte e por Moltke e que o será emquanto os exercitos fôrem exercitos... a sério e não brinquedos nas mãos de politiqueiros radicaes e de *jovens turcos* tôlos.

O caso assumiu mesmo um aspecto de urgencia, porquanto o general Michel, então *generalissimo* (e hoje Governador militar de Paris) não estava evidentemente na altura da competencia téchnica requerida.

A Crèse do *Alto Commando*, como então foi conhecida, mesmo no grande publico, exigia uma prompta solução... que lhe não foi dada...

Continua.

S. P.

Os bons tempos da tropa

N'um juramento de bandeiras

Foi no antigo tempo dos chamados *voluntarios d'um anno* e n'um dos corpos de guarnição da capital.

N'esse domingo, logo de manhãsinha, conforme as praxes regulamentares, o regimento, de grande uniforme, musica á frente, a guarda do altar commandada pelo «quarteleiro geral», a bandeira — a velha e gloriosa bandeira — a esvoaçar ao vento no meio do effectivo reduzido das solemnidades á *capucha*, fôra ouvir missa á egreja proxima e, entrado novamente no quartel, formara na parada, em columna de batalhão.

Depois volvêra ao flanco, por quatro. A bandeira, com a sua guarda, viera occupar a frente da formatura, em frente ao velho coronel.

Entretanto o tenente coronel, sempre atarefado com a *papelada*, fôra dizendo, em voz baixa, ao brigadas, *para não perder tempo:*

— E' preciso prevenir o snr. capitão da 2.ª do 2.º, que não saia do quartel, pois vamos começar hoje a *conferencia das mostras*, que já não é nada cedo...

O capellão, o pequenino Padre X., cuidadosamente enluvado de negro, a negra sobrecasaca rigorosamente abotoada até ao pescoço, o chapelinho — á *genitivo* — com a borla a dar, a dar, sahira lá do fundo, da porta envidraçada da secretaria e, a passos meudinhos, retocando mentalmente o seu discurso patriotico, fôra occupar o seu logar na forma.

— O' ajudante! Vamos, mande avançar o mancebo, que presta juramento — apressara o commandante impaciente.

— 3.ª do 2.º... 49/1718. Fulano de tal...

— Presente! — Guinchou lá das companhias da rectaguarda, uma voz aflautada.

— Não é *presente*, que se diz... E' *prompto*... vá, vê se te meches! — advertiu logo o 1.º sargento, que resmungou, entre dentes, para o velho cabo Pereira, mestre do casão dos alfaiates, que formava, como chefe de fila n.º 1:

— Ha-de dizer-se que cá na companhia não se sabe dar instrucção ás praças...

E, por entre as fileiras, não sabendo bem para onde ia, os grossos *butes* a resoar fortemente no silencio da formatura, avançava um rapasito imberbe, typo de marçano de tenda, todo attencioso, todo elle contumelias, com cara de quem está sempre a perguntar:

— Que ha-de desejar o freguez?...

Era amigo 49 da 3.ª do 2.º, *voluntario d'um anno*, que, por qualquer motivo, era a unica praça, que tinha de prestar juramento de fidelidade.

— Para aqui... para a frente da bandeira e voltado para os seus camaradas — mandara o ajudante, que logo descançada e machinalmente começara a ler os «Deveres Militares».

«Todo o militar deve regular o seu procedimento pelos dictames da Religião, da Virtude e da Honra, amar a Patria, ser fiel ao Rei, etc.».

Amigo 49, todo enleiado, atrapalhadissimo, vendo-se alvo de tantos olhares, apesar d'isso muito risonho e muito *paisana*, concordava logo com um «Saberá V. S.ª que sim...» que o brigadas — homem nada para graças — interrompera com um *«schut!»* furioso...

Por fim os *Deveres Militares* acabaram.

E o coronel:

— Padre capellão...

Sempre a passo meudinho, muito direitinho, muito perfiladinho, Padre X. vem até ao pé da bandeira, saúda-a, saúda o commandante, saúda a tropa e sorridente — se elle tinha encontrado um lindo thema, novinho em folha, em volta do qual elle iria fazer dansar Affonso Henriques e o Duque de Saldanha, Vasco da Gama e os navegadores durante uma boa meia hora... — e sorridente, repetimos, dirige-se ao nosso 49, que, logo muito solicito, muito inclinado para a frente, *como ao balcão*, quasi ia largando o seu atavico:

— Que ha-de desejar o freguez?...

Mas padre X. detivera-o amavelmente com a mão e sempre sorridente, no biquinho dos pés, a mão direita no ar, a modelar-lhe a phrase e como que a interpelal-o, n'uma invocativa a um tempo energica e adocicada, começara o seu discurso:

— «Soldado!

O nosso 49 todo elle é ouvidos. Involuntariamente tambem se põe no bico dos pés.

— Soldado!... Porque assentaste praça?...

E logo 49, todo obsequioso, todo elle inclinado, todo elle amavel e repenicado:

— Saberá V. S.ª que foi porque quiz... Se havia de vir mais tarde, vim mais cedo...

. . . . . .

Padre X., attónito... perdeu o fio ao discurso...

Saturio Pires.

A queda do Imperio Turco

Tres semanas de operações militares em que a coalição balkanica feriu de morte a Turquia, seis semanas de negociações diplomaticas em que a Europa tentou em vão reanimar o moribundo, e temos desde segunda-feira a voz formidavel do ultimo dos negociadores troando sem cessar contra as muralhas de Andrinopla, em frente ás linhas de Tchataldja ou nos campos de Gallipoli!

Cometeram, é certo, os alliados um erro, unico desde o inicio d'este grande drama; assignaram o armisticio sem fazer depender d'essa firma os preliminares da paz. Isso permittiu protelar delongas, casos accidentaes, circumstancias novas atravez dois grupos de negociadores cuja orientação era opposta, procurando uns, os delegados balkanicos, tirar o maximo partido da victoria, esforçando-se outros, os embaixadores das grandes potencias, por aguentar em pé um maximo da Turquia Europeia. Mas nem uns nem outros contavam com o microbio gerador da ruina das nações. Logo ao começar a guerra, perante a imminencia do perigo nacional, a *Jovem-Turquia*, que preparara e causara o desastre, desapparecia da scena, ou pela fuga dos chefes militares ou pela emigração dos caudilhos politicos. E o governo de Kiamil-Pachá conseguia o que era julgado impossivel: Nazim-Pachá dava corpo e feitio ao exercito, imprimiu-lhe cohesão depois da derrota, e aguentava-o finalmente nas linhas de Tchataldja prompto a salvar a honra das armas!

Mas para todas as *Jovens-Turquias* o interesse pessoal e partidario substitue e supprime o interesse nacional. Por um d'aquelles golpes d'Estado de que é feita a historia politica da Turquia, constitucional ou absoluta, a 23 de Janeiro, Kiamil-Pachá era deposto, Nazim-Pachá assassinado, e os jovens-turcos outra vez no poder! Dirigira a manobra o conhecido Euver bey, que ha pouco organisara na Tripolitana a resistencia arabe aos italianos; collocava no Gran

10 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

A PARTIDA DO SOUZA

Como a Chica me tinha dito que, para disfarçar, era preciso que fosse muita gente á despedida do Souza a fingir que em vez de ir conspirar, — explicara a Chica, — elle ia passar uns dias ao Porto para se divertir, eu, n'esta ancia de prestar serviços á causa, fui tambem á estação do Rocio, embora não conhecesse pessoalmente o Souza, que aliás via quasi todos os dias no Chiado, perto do Tauromachico, em mysteriosas conferencias com uns poucos de individuos, conferencias em que, com enternecimento o suspeitava, se devia tratar seguramente de libertar o paiz do jugo das tyranias.

Quando cheguei á estação do Rocio já lá estava o poder do mundo, mas ainda não estava o Souza.

Grupos de senhoras cochichavam com ares mysteriosos. Os homens, em grupos tambem, palestravam em voz baixa, e de vez em quando dois ou trez destacavam-se mais lá para deante, para o fim da *gare*, e trocavam algumas palavras olhando cautelosamente em volta.

Quando eu cheguei a Lemos mais nova veio logo ter commigo:

— Então tambem vem despedir-se do Souza? perguntou-me ella com um sorrisinho repleto de sub-entendidos.

— Venho... venho... respondi eu em voz baixa, com ar mysterioso, olhando ao mesmo tempo os grupos a ver se descobria a Chica e se por alli haveria espiões que fossem dizer lá ao continuo da minha repartição que me tinham visto no meio de toda aquella *thalassaria*.

Mas a Chica ainda não viera.

O Souza tambem não e a sua demora parecia estar causando serios cuidados a toda a gente.

De vez em quando o major Sequeira, disfarçadamente, procedia a um reconhecimento vindo até á porta da estação, olhando em torno a ver se o Souza apparecia. Depois voltava aos grupos e, de sobr'olho franzido, ar preoccupado, dizia:

— Deve estar a chegar... Ainda tem tempo... ainda tem tempo...

A Lemos mais nova que namoriscava o Souza, murmurou com susto:

— Terá elle sido preso?...

Em volta houve logo um *schiu!* assustado, e todos, em silencio, olharam receosos um carregador que, de *bonet* para a nuca, passava assobiando a *Portugueza*.

Só o major Sequeira, com uma grande pratica de conspirações, disse com ar natural, a disfarçar:

— Sim, é possivel... que tenha ficado preso nos braços de Morpheu...

E sem largar de vista o carregador, que continuava assobiando a *Portugueza*, proseguiu sempre a disfarçar:

— Sim... uma pessoa descuida-se e deixa-se ficar na cama mais um pedaço...

Eram cinco horas da tarde.

E em voz mais alta para que o carregador o ouvisse bem, para lhe dissipar quaesquer suspeitas o major concluiu:

— De resto como elle vae ao Porto...

E carregava na palavra *Porto*...

— ... ao Porto, só ao Porto, e apenas para se divertir... sim, porque vae apenas para se divertir... se perder o comboyo não faz mal...

Eu, para ajudar o disfarce, disse com naturalidade.

— Sim... como elle só vae para divertir-se...

Mas parei. Um sujeito que eu não conhecia puxara-me pela manga mysteriosamente, a arrastar-me para longe do grupo, e junto d'um candeeiro disse-me, olhando em volta:

— Não vae divertir-se... não... V. Ex.ª não sabe?

Eu, desconfiado, já com suspeitas d'aquelle sujeito desconhecido, que me puxava mysteriosamente, insisti, para disfarçar:

— Vae, sim, senhor... Vae divertir-se.

— Não vae... Então V. Ex.ª não sabe?! exclamou elle espantado.

Eu, cada vez mais desconfiado, a tentar safar-me, já a ver toda a carbonaria atraz de mim, com o continuo da minha repartição a commandal-a, respondi, com decisão, sim, mas tambem com habilidade:

— Não, senhor... não sei nada... Eu não sou politico... Sei que o sr. Souza vae divertir-se, porque m'o disseram... Lá d'isso de conspirações não sei nada... Eu nem o conheço...

E procurava affastar-me. Mas o desconhecido parecendo não poder levar á paciencia que eu imaginasse que o Souza ia divertir-se, retroquiu-me irritado:

— Então V.Ex.ª imagina que eu não sei o segredo?... Nunca ninguem desconfiou de mim... Eu não conheço V. Ex.ª, e V. Ex.ª não me conhece... Mas somos duas pessoas de bem e entre nós não ha segredos... O Souza não vae divertir-se, vae conspirar... Não vae ao Porto, vae para Vigo...

E como eu, — que não tinha pratica d'isso de conspirações, surprehendido com a facilidade com que elle, não me conhecendo e não o conhecendo eu, me communicava quasi em voz alta aquillo de que a Chica me pedira tanto segredo, o olhasse com espanto, elle julgando que realmente eu não sabia nada, exclamou:

— Ah! V. Ex.ª não sabia?... Pois então eu lhe conto...

Mas não o deixei continuar. A ideia de que aquelle sujeito imaginava que eu ignorava cousas da conspiração, arreliou-me. Achei deprimente para a minha vaidade, achei quasi uma offensa. E então com um sorrisinho superior observei-lhe ironicamente:

— Não... não sei nada...

Depois, n'um reviramento, com ares de quem tinha todos os fios na mão, lancei com desdem:

— Talvez saiba mais que todos que para ahi estão...

O meu interlocutor parece que não gostou que eu me desse ares de saber mais do que elle, e disse-me, acenando com a cabeça:

— Saberá... saberá... Mas não sabe com certeza, e não o sabe porque isso passou-se entre duas ou tres pessoas de inteira confiança, incapazes de o divulgarem, que o Nogueira...

— Escreveu de Paris a dizer que a causa rebentava hoje?... Off!... Ha que tempos que eu sei isso...

E para esmagar de vez aquelle sujeito que, não sabendo quem eu era, e que eu ignorava quem fosse, tivera o atrevimento de suppôr que eu não estava embrenhado na conspiração, accrescentei com importancia:

— Eu lá a carta.

E como elle parecesse duvidar, contei-lhe tudo que a Chica me dissera:

— Mostrou-m'a um dos chefes do *comité*... Diz a carta que chegam hoje á Galliza oito mil armas...

— A mim tinham-me dito 20 mil...

— Não... São doze mil... E dez peças de artilheria...

— A mim tinham-me dito seis...

— Talvez... Mas parece-me que ella dizia doze ou quatorze. E' claro que eu digo isto a V. Ex.ª que é uma pessoa de confiança... E dizia tambem que já no domingo de Paschoa... amanhã...

Mas suspendi-me.

Na gare fizera-se um grande reboliço... A Lemos mais nova exclamára apontando o Souza, que surgira lá em baixo, á porta da gare:

— Lá vem elle... Lá vem elle...

E toda aquella gente apressada, aos encontrões, se dirigiu ao encontro do Souza, gritando uns para os outros:

— Schiu!... Não vão tão depressa... Olhem que se pode reparar... Disfarcem, disfarcem.

No meio do tumulto o major Sequeira, sempre prudente e habil, dizia em voz muito alta, sem largar de vista o carregador que assobiava a Portugueza:

— Pois é verdade... O nosso Souza lá vae estar dois ou tres dias no Porto para se divertir... Já é costume... Elle vae lá todas as semanas...

Eu segui o grupo, premeditando perguntar ao major quem era aquelle desconhecido, — aliaz pessoa de inteira confiança, — que tanta cousa sabia da conspiração...

Mas n'esse momento avistei a Chica, e quando eu avistava Chica não queria saber de mais nada.

Anselmo

vizirato, Mahomed Cheflidet Pachá, official cujos feitos d'armas conhecidos são a revolta de Salonica e a subsequente marcha sobre Constantinopla de que resultou a deposição de Abdul Hamid; o resto da sua carreira parece tel-a passado na Allemanha encarregado de fornecimentos militares. Segundo as declarações de Cherif Pachá, publicadas no *Temps*, foi o proprio Euver bey que disparou o primeiro tiro contra Nazim-Pachá; foi elle ainda que com ameaças de morte arrancou a Kiamil-Pachá a fórmula de demissão: «o perigo não é para mim, dissera o velho grão visir, mas é a agonia da Turquia!»

E é. Uma crise politica tramada por esta fórma, com o inimigo ás portas, é um d'estes actos de que só é capaz uma mentalidade de Maçon. Desde esse dia, a unica possibilidade que a Turquia tinha de salvação, a união perante o perigo nacional, a cohesão em volta do governo que tinha aguentado a situação, afundava-se no sangue d'um assassinato pavorosamente criminoso! Por ser na Turquia, os processos não variam.

A guerra recomeçou com o ataque *decisivo* sobre Gallipoli. Quem olhar para o mappa vê immediatamente o que isso significa. Os alliados vão fazer cahir as defesas dos Dardanellos para tornar possivel a entrada da esquadra grega no mar de Marmora. N'esse dia, estão torneadas as linhas de Tchataldja, e Constantinopla á mercê dos canhões gregos.

E' possivel e praticavel a operação?

A superioridade material e moral dos bulgaros, tão evidente desde o inicio das operações, deve ser hoje bem superior perante um exercito onde os politicos assassinaram o unico homem de guerra que a situação revelara. Por outro lado a armada hellenica tem constantemente mostrado a sua superioridade de combate sobre a frota turca. O embarque de tropas alliadas em Salonica e em Dedeagatch, em tempos annunciado, não tinha certamente por objectivo senão a peninsula de Gallipoli.

E a Romania?

«Vamos criar, dizia ha dias eloquentemente no *Temps*, o plenipotenciario bulgaro Daneff, um novo patriotismo, o patriotismo balkanico».

Sob uma fórma elevada, é a definição d'um grande futuro, d'uma decisiva orientação na politica balkanica. Para a Romania, essa orientação patriotica não está no Sul, não está em Silistria; os descendentes dos soldados de Paulo Emilio, e dos colonos de Trajano estão n'essa Transyloavia que as cartas escolares mostram já ás creanças romaicas ao lado da Romania Livre. E a corrente impetuosa que atirou contra o Solam as nações que querem criar a Maior Bulgaria, a Servia de Douchan, que impelle os montanhezes da Tchernagora contra os muros de Scutari, acabará, cremos nós, por attrahir e canalisar comsigo o curso de politica romaica. Ahi está o futuro, ahi está o interesse nacional, essa a realisação d'um sonho como o que levou a Grecia, a Salonica e a occupação do berço sagrado do Hellenismo!

E para a Europa, ahi está a ordem, a paz, a salvação. Constituida uma confederação balkanica forte pelas suas victorias, unida no sentimento commum do seu grande porvir, apagando n'essa grande ambição as rivalidades de interesse e os conflictos de nacionalidades, estava liquidada d'uma vez a questão do Oriente e justificado o pedido que na epocha que já parece remota de setembro do anno findo, o tzar Fernando dirigia a Europa: «Deixem-nos a nós resolver a questão».

A necessidade de hoje, o que é preciso para evitar a guerra europeia immediata, é isso mesmo e mais nada.

Depois, fica a Asia-Menor: tres dias a seguir ao golpe d'Estado Joven-Turco, o barão de Wangenheim, embaixador da Allemanha, recebendo a colonia allemã em Constantinopla, declarava: «nem hoje nem nunca ninguem poderá tocar na Anatolia, *onde os nossos interesses são vitaes*».

Para commentar estas phrases, a Allemanha vae arrumar com mais *dois corpos d'exercito* na fronteira franceza e organisa mais *vinte e cinco* divisões de landroher.

Paris, 7-Fev.-913.

Ayres d'Ornellas.

Carta de Lisboa

Conta-se que um diplomata moderno, conhecedor pela sua longa estada entre nós, do estado da nação, dissera que Portugal era um paiz monarchico com uma capital anarchisada. Não sei se é verdadeiro o dito e não procuro mesmo saber se é justo. A ultima parte da phrase, assim é. Lisboa hoje é uma cidade anarchisada, onde ninguem faz o que deve, e uma parte d'ella faz o que quer e é mau! Essa parte impõe-se á maioria da capital como se impõe a todo o paiz, pela audacia; domina pelo terror, agita-se sem saber porque, apenas por dominar, para vencer para mandar. Sobretudo para mandar. Em Portugal hoje manda Lisboa, o que não é de extranhar, porque isso confirma apenas uma regra historica. Em 1789 tambem Paris mandava, era sempre Paris quem tinha o predominio politico em toda a França como sempre tivera sobre ella o predominio da lenda, o que fazia dizer a Alexandre Dumas, com muito espirito, em um P. S. das suas cartas de um Provinciano:

—Quando ia fechar esta carta, o canhão annunciou em Paris que a França acaba de dar á luz uma nova Constituição. As dores do parto duraram dous mezes. Mãe e filho encontram-se mal!

Lisboa acaba tambem de dar á luz uma nova constituição predial. Imitando a phrase de Dumas, pode dizer-se que mãe e filho não estão nada bem.

A contribuição votou-se no parlamento, apesar dos diagnosticos terroristas de alguns dos medicos mais affeiçoados ao padrasto da creança, porque apesar do amor com que o sr. Affonso Costa a trata, a verdade é que o verdadeiro pae é o ex-ministro sr. Vicente Ferreira, tendo sido parteira o sr. Brito Camacho que n'essa qualidade levou o neophito á pia baptismal. Ainda houve quem queria adiar a ceremonia do baptismo no Senado, mas o sr. Affonso Costa bateu rijo o pé, e disse que se não o baptisassem n'aquelle dia, lhe retirava a protecção.

E assim se sagrou lei do paiz o projecto que vae dar cabo dos proprietarios... e dos inquilinos, no meio do silencio passivo d'esse Leão dos Campos que em tempos idos ameaçava com a terra e que agora, apesar de toda a sua bravura, estremece á mais pequena trovoada, como toda a gente viu, ainda ha pouco a uma ligeira aragem dos elementos carbonarios.

A nova lei da contribuição predial não acaba com nenhuma das arbitrarias injustiças apregoadas pelo partido hoje dominante, no tempo do ostracismo. A antiga phrase: cada um tem de pagar o que deve, foi posta de lado, porque pela regra proporcional adoptada no projecto, esse cada um passa a pagar outra cousa do que pagava, mas o que não paga é o que deve.

Queixavam-se d'antes que a grande propriedade, a abastada, a rica, que deveria por exemplo pagar ao Estado 40 contos só pagava 10. Pois sabem o que essa propriedade passa a pagar? Mais 120 por cento quando muito! Quer dizer, paga em vez de 10, 22 contos.

E' grande a differença, mas de duas uma: se devia pagar em verdade 40 contos, passando a pagar só 22, ainda paga pouco. Se os 10 que até aqui pagava eram bem o que ella devia, passando a pagar mais do dobro, paga demasiado. Portanto a lei é arbitraria, como a outra, é injusta e é má.

Mas se até aqui havia uma ou outra injustiça entre os grandes proprietarios, agora essas injustiças passam a pesar sobre todos os proprietarios, grandes, medios e pequenos, porque a verdade é que, toda a gente o sabe, a propriedade rustica não pode pagar mais do que já pagava.

Ainda n'este ponto, é Lisboa a impôr-se a todo o paiz. Poderá á custa do sacrificio dos inquilinos, pagar a propriedade urbana na capital muito mais do que até aqui pagava; esse sacrificio poderá estender-se ainda a outras cidades do paiz, mas não passará d'ahi.

Seria equitativo, seria justo, mereceria o applauso de todos, carbonarios e thalassas, a revisão cuidada das matrizes, primeiro, e depois a reorganisação tributaria sensata e fundada. Isso sim! Mas o augmento progressivo com muitos T, em forma algebrica, a attestar a telha dos seus inventores, longe de ser um remedio de resultados efficazes para o estado anemico em que se encontra o thesouro publico, depois que deixou de dispender toda essa grande dinheirama com o antigo regimen, — o que prova que o mal não era afinal esse — é antes uma medida nociva que na pratica ha-de dar ainda muito que fallar. O tempo o dirá!

Mas Lisboa quiz e Lisboa é quem manda no paiz, como o governo é quem manda no parlamento. Anda tudo transtornado. Se ha annos, um presidente de ministros tivesse a triste ideia de ir ao parlamento e voltando-se, irado e fecundo, para os legisladores, dissesse: — os snrs. ou votam hoje este projecto ou eu me vou embora — como disse o snr. Affonso Costa no senado, ha dias, ainda a proposito da tal lei, não faltaria quem se levantasse logo, e talvez o snr. Affonso Costa fosse dos primeiros e dos mais indignados, a retorquir-lhe:

— Pois vá, que nós é que não votamos hoje o projecto!

Hoje, as cousas passam-se de modo diverso. O Presidente de ministros quiz e a Camara votou. E votaram todos, partidarios que estavam de accordo e partidarios que não estavam, unionistas que protegem o governo e dizem mal d'elle, evolucionistas que fazem opposição a valer e evolucionistas que fazem opposição a brincar, todos votaram.

E porquê? Porque não querem que o governo caia, balbuciam todos, com cara de espertalhões, piscando o olho á gente.

—Nada, que o que elle quer é ir-se embora e o que nós queremos é que elle fique!

Mas a lei é iniqua, o imposto que ella decreta impossivel! Bem se sabe. Mas primeiro está a nossa habilidade politica! O paiz não póde com essa contribuição, mas nós é que podemos muito bem aguentar o governo, porque nos convem que elle se demore, que se enterre bem, que se malquiste com o paiz, que liquide a questão das congregações, que reveja a Lei da Separação —outra enormidade extravagante que o paiz não quer mas que afinal ha-de acabar por acceitar, porque Lisboa manda e Lisboa é tudo.

Que importa que o paiz soffra? quem quer saber do que é o patriotismo! Antes de tudo a nossa habilidade politica.

E algum evolucionista mais philosopho, accrescenta com ar grave:

—As opposições fizeram-se para não abrirem bico na Camara, emquanto não convem deitar abaixo o ministerio.

E aqui está a situação creada pela tal Lisboa que se impõe: um ministerio que se quer safar quanto antes, e uma opposição que o não deixa ir embora.

Tudo ao contrario!

D'antes exaltavam-se os descendentes dos grandes heroes, mesmo quando esses descendentes não valiam nada! Hoje amesquinham-se, perseguem-se, ridiculisam-se, torturam-se quando elles são do estofo d'essa senhora sublime que se chama D. Constança Telles da Gama, descendente illustre de Vasco da Gama!

Quarta-feira, 19

Raul

Chronica dos Theatros

Aguia d'Ouro — Pela Companhia italiana, representa-se hoje a linda opera-comica *Manobras d'Outomno*.

Sá da Bandeira — Hoje, festa artistica do estimado actor Humberto de Miranda, subindo á scena a opereta *Soldado Chocolate*.

Carlos Alberto — Repete-se hoje a engraçada comedia lirica *Flor da Rua*.

Annuncios

Dr. M. Forbes Costa
CIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna
Doenças genito-urinarias, venereas e syphilis
Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.
Praça da Liberdade, 124-1.º
Das 2 ás 5 horas
Telephone, 143

Heroes de Chaves
Nova marca de cigarros
Manipulados com finissimo tabaco havano suave
SUCCESSO COLOSSAL
Em todas as tabacarias
15 cigarros, 90 reis

CIGARROS
Presidente **ARRIAGA**
Fina mistura de tabaco havano
A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL
Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

RECOMMENDAMOS
as excellentes e magnificas pennas
D. CARLOS I e D. MANOEL II
em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades
Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes
D. LEONARDT & C.º
Vendem-se nas boas papelarias de Portugal

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

Rua da CONCEIÇÃO, 71 a 75 **Rua das OLIVEIRAS, 108 a 128**

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalisação dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta dôce e azêda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes, cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.

CIMENTOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS

POR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª

LISBOA

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

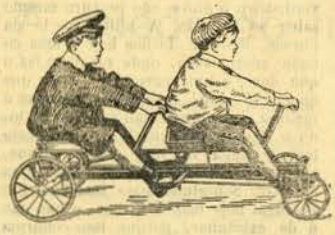
"AU BON MENAGE,,

81, Rua de Cedofeita, 85 *Teleph. 942—PORTO*

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario.
Julião D. Monteiro



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeriz

CLERIGOS, 70

Pão de graça

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha—Manuel J. Ferreira Valente.—Padaria Nacional—Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

Compagnies de Navegation

Sud-Atlantique

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 11 de Março o paquete *Burdigala*.
A 25 de Março o paquete *Divona*.

Linhas Commerciaes. Para Pernambuco, Bahia, Santos e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 1 de Março o paquete *Liger*.
A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.
A 19 de Março o paquete *Samara*.
A 16 de Abril o paquete *Sequana*.

Para Bordeus.
A 25 de fevereiro o paquete *La Gascogne*.
A 3 de Março o paquete *Samara*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.
A 24 de Fevereiro o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.
A 25 de Fevereiro o paquete *Zelandia*.

Linha Cyp. Fabre & C.ª

Para New-York, Providence e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte.
Para Marselha. A 25 de Fevereiro o paquete *Roma*
Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.ª

No Porto — Largo de S. Domingos, 62, 1.º

Em Lisboa — Praça Duque da Terceira, 4.

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º PORTO